

O Portador da Luz Para os buscadores da Verdade

Lúci^ufer[®]

Temas atuais vistos à luz da Sabedoria Antiga ou Theo-Sophia – a fonte comum de todas as grandes religiões, filosofias e ciências do mundo

A Vida Una e a Via Pāramitā
- Parte 2

Do axioma à Verdade
- A lógica da Theosophia

Um país precisa de um
exército?

500 vezes por dia?

Perguntas que as crianças
fazem

Consequências de se
consumir carne cultivada

Perguntas sobre os Mestres
de Sabedoria



Capa:

A obra de arte 'criança contemplativa', criada por Ferruccio Sardella, está em Mississauga, Canadá. As crianças geralmente fazem perguntas profundas.

Interessado em nossas palestras?

assista-as em nosso canal no YouTube:

**[youtube.com/
@theosophicalsociety-tspl](https://www.youtube.com/@theosophicalsociety-tspl)**

Editorial

66

A Vida Una e a Via Pāramitā

Parte 2

p. 67

Uma série de dois artigos explora a realidade fundamental da manifestação e a maneira de realizá-la em nossa consciência. Esses artigos são baseados na ‘Palestra Blavatsky’ proferida por Elton Hall em outubro de 2023, uma palestra organizada pela Sociedade Teosófica de Point Loma. A primeira parte foi sobre a ‘Vida Una’ e apareceu na edição de maio de 2024. A segunda parte, sobre os pāramitās, segue nesta edição, complementada por duas perguntas feitas ao palestrante após a palestra.

Elton Hall

Do axioma à Verdade

A lógica da Theosophia

p. 74

A busca da Verdade é um tema ao qual a Sociedade Teosófica de Point Loma (TSPL) atribui grande importância. É por isso que *Lúcifer* também dá ampla atenção a esse assunto. Para este artigo, os editores editaram uma palestra de Herman C. Vermeulen de 2021, na qual ele destaca a lógica da Theosophia com uma reflexão sobre o significado dos axiomas como ‘ferramentas’ para encontrar a Verdade.

Herman C. Vermeulen

Um país precisa de um exército?

p. 82

Este artigo questiona a obviedade de um exército.

Barend Voorham



Perguntas que as crianças fazem

p. 86

Às vezes, as crianças pequenas fazem perguntas particularmente profundas. Como responder a essas perguntas se você não se conhece exatamente? E como evitar o uso de termos técnicos incompreensíveis? Isso é mais fácil do que você pensa.

Astrid Kramer

500 vezes por dia?

p. 89

Manuel Pegado

Quais são as consequências de carne cultivada?

p. 90

Em vários países, as empresas estão fazendo experimentos com carne cultivada. Os desenvolvimentos nesse campo estão ocorrendo muito rapidamente. Mais uma razão para examinar isso com insight teosófico: o que você está fazendo e que consequências esse processo tem tanto para os animais quanto para os seres humanos?

Henk Bezemer

Desenvolvimentos na sociedade 95

» O que acontece quando você constrói um embrião humano?

Perguntas e respostas 97

» Mestres de Sabedoria

Agenda 100

» Simpósio 2024

» Curso Sabedoria Universal

Editorial

Em nossos tempos conturbados, muitas vezes é difícil encontrar um ponto de apoio. Os acontecimentos se sucedem rapidamente. Pensávamos que tínhamos algumas certezas em nossa sociedade moderna, mas muitas vezes não é bem assim. Tememos a perda de nossa civilização e democracia. Vemos conflitos e guerras para os quais parece não haver solução.

No entanto, nestes tempos rápidos de Kali-Yuga, é bom parar e olhar para os problemas do mundo de uma perspectiva impessoal. De fato, se tomarmos a Teosofia como ponto de partida, os grandes desafios não desaparecerão e certamente não serão resolvidos em uma corrida da noite para o dia, mas *podemos* chegar a uma solução *aceitável para todos*. *Lúcifer, o portador da Luz*, tenta ajudar com isso oferecendo ideias, mudando o foco de nosso pensamento para a parte durável de nossa consciência. Ao fazer isso, esperamos inspirá-lo e desafiá-lo a testar e aplicar a Teosofia na vida cotidiana.

No artigo *A Vida Una e o Caminho Pāramitā, parte 2*, são dadas instruções sobre como se elevar acima do mundo ilusório e controlar os desejos. A parte 1 desse profundo artigo pode ser encontrada em nossa edição anterior. Ao seguir esse Caminho das Virtudes Exaltadas, você não apenas transcende as ondas furiosas e muitas vezes cruéis da vida externa, mas também se treina para ser um professor e ajudante de seus semelhantes.

O fato de que você nunca deve aceitar a Teosofia cegamente, sem pensar sobre ela, é algo que já mencionamos várias vezes em nossa revista. Mas então como lidar com isso? O artigo *Do axioma à verdade* oferece um método útil.

Olhar para o mundo a partir de uma perspectiva teosófica significa aprender a olhar de forma diferente para certas coisas que se supõe serem verdadeiras para quase todo mundo. Por exemplo: todo país tem um exército para se defender. Mas será que todo país deve ter um exército? Poucas pessoas levantam essa questão. *Lúcifer* faz isso e, além disso, tenta chegar a uma resposta.

Nesta edição, também começamos com o que esperamos que se torne uma seção recorrente: perguntas feitas por crianças. As crianças ainda não têm ideias preconcebidas, e suas perguntas podem funcionar como um estimulante para os adultos e afrouxar os padrões arraigados de pensamento. É um desafio responder às perguntas delas da melhor maneira possível e com o máximo de princípios: provavelmente apenas com uma dica, deixando espaço total para a criança continuar pensando no assunto. É possível que nós mesmos estejamos aprendendo mais do que as crianças.

As pessoas que buscam soluções para os desafios de nosso tempo devem ser apreciadas. Mas será que algumas dessas soluções não são soluções falsas? É bom que as pessoas questionem se o consumo de carne é benéfico para elas, para os animais e para o meio ambiente. Mas será que a carne cultivada resolve esse problema? Nós esclarecemos essa questão.

Além disso, nesta edição você encontrará um artigo inspirador que nos foi enviado por um de nossos leitores portugueses. Os muçulmanos oram cinco vezes por dia. Isso é suficiente? A propósito, o que é orar?

É em nossa seção de perguntas e respostas, tentamos responder a algumas perguntas sobre os Mestres de Sabedoria e Compaixão.

Esperamos que este *Lúcifer* ilumine com luz teosófica as questões atuais de nosso mundo. Saiba que o pensamento teosófico se torna ainda mais forte quando você reflete sobre ele e o compartilha com outras pessoas. Por essa razão, os editores sempre aceitam de bom grado todas as suas perguntas e comentários. Eles sempre serão respondidos.

Los Editores



A estrela de seis pontas com seu ponto focal central é um símbolo universal da natureza sétupla.

A Vida Una e a Via Pāramitā

Parte 2

Em outubro de 2023, Elton Hall deu a ‘Palestra Blavatsky’, organizada pela Sociedade Teosófica de Point Loma. Uma semana depois, foi realizado um estudo no qual os participantes conversaram com o palestrante sobre o assunto. Elton é afiliado à *Loja Unida de Teosofistas* e é um palestrante conhecido internacionalmente. A edição anterior de *Lúcifer – o Portador da Luz* apresentou uma tradução da primeira parte de sua palestra sobre ‘A Vida Una’. Neste artigo, segue a segunda parte sobre os pāramitās. No final, há algumas perguntas dos participantes sobre a aplicação prática dos pāramitās, que Elton respondeu após sua palestra.

Pensamentos-chave

» *A Voz do Silêncio* nos ensina como nos elevamos acima de qualquer ilusão e ignorância, praticando os pāramitās e sempre servindo ao todo.

» ‘Matar’ nosso desejo significa: aprender a controlá-lo completamente.

» A Via Pāramitā tem como objetivo se tornar Bodhisattva. O Bodhisattva faz o grande sacrifício ao se afastar da fusão com a Vida Úna para servir a humanidade que sofre e luta.

» Cada pāramitā é uma virtude que transforma nossa consciência e nosso relacionamento com o mundo. É a chave para abrir um ‘portal’ composto de todos os elementos dentro de nós que bloqueiam nosso progresso.

» A Vida Una, por mais tênue que seja, ressoa dentro de nós e somos convidados a procurá-la.

A Via Pāramitā

H.P.B. dedicou *A Doutrina Secreta* a todos os ‘Verdadeiros Teosofistas’ de todos os lugares, pois ‘eles a invocaram’. A aspiração humana suscitou essa obra inigualável e, como os verdadeiros teosofistas existem em muitos níveis de consciência espiritual, o texto foi escrito para ser lido em muitos níveis. Como o crescimento espiritual é possível para cada indivíduo, a forma como *A Doutrina Secreta* é lida e compreendida mudará com o tempo para cada um. Daí a necessidade de se lembrar de permanecer aberto e fluido em seu pensamento, nunca se apegando nem mesmo ao insight mais luminoso, para que não fique preso em algum nível de compreensão, por mais elevado que seja. Toda verdade que pode ser expressa em pensamento ou mesmo em consciência direta é relativa. A verdade absoluta é, para simplificar, impensável.

A Voz do Silêncio (brevemente chamada de ‘a Voz’) é simplesmente ‘Dedicada aos Poucos’. Embora qualquer pessoa possa ler o texto e ver a vista magnífica e as possibilidades para os seres humanos, o texto é destinado a ‘poucos’. Quem são esses poucos? Percebe-se imediatamente que ‘os poucos’ são aqueles que realmente aspiram a trilhar o caminho que leva ao objetivo universal indicado no texto. Na dedicatória, somos advertidos de que, mesmo entre aqueles que acham que aspiram a esse fim, apenas alguns realmente o fazem. Por quê? Encontramos a resposta em a *Voz*.

Assim como o ‘Proem’ de *A Doutrina Secreta* mostra imediatamente o que deve ser revelado, a *Voz* apresenta as características gerais do Caminho nas primeiras páginas. Pode-se ver que a aspiração sem determinação constante não é suficiente – não é suficiente nem mesmo para começar. O leitor não é

mimado de forma alguma, pois o Caminho exige todo o seu esforço, sua energia, sua atenção e uma disposição para se sacrificar e sofrer. Esse sofrimento é *māyā*, é claro, mas enquanto a consciência estiver imersa nessa *māyā*, tudo o que for experimentado será vivenciado como bastante real. A primeira frase define o cenário: ‘Essas instruções são para aqueles que não conhecem os perigos do IDDHI inferior’.⁽¹⁾ Mais uma vez, a nota de rodapé dessa frase diz muito. Esses *siddhis* são ‘as energias inferiores, grosseiras, psíquicas e mentais’. Existem *siddhis* mais elevados, mas H.P.B. cita o *Bhagavad-Gītā* dizendo que somente aquele que subjugou os sentidos e concentrou sua mente em Krishna pode ser servido por eles. Portanto, logo no início, somos informados de que o conteúdo de a *Voz* é para aqueles que não conhecem os poderes latentes no ser humano.

Como dissipar a ignorância

A ignorância é de vários tipos. Há a ignorância que temos quando não sabemos algo e estamos cientes disso. Há a ignorância do que achamos que sabemos quando não sabemos. E há a ignorância de sermos ignorantes até mesmo sobre o *que não sabemos*. No entanto, como H.P.B. e William Quan Judge nos dizem, podemos saber mais do que pensamos saber, tendo vivido inúmeras vidas e, sem dúvida, passado por treinamento espiritual muitas vezes. Esse conhecimento pode ser despertado por nossa determinação de abandonar nossas propensões e aprender com os sábios. Não devemos nos sentir desencorajados ao reconhecer nossa ignorância. Em vez disso, devemos nos abster de tentar julgar com precisão a natureza de nossa ignorância e, em vez disso, estar prontos para aprender. À medida que aprendermos, nossa ignorância se tornará cada vez mais óbvia e descobriremos nosso conhecimento oculto e começaremos a discernir o que precisamos fazer para dissipar nossa ignorância.

Somos imediatamente informados de que, se quisermos ouvir ‘a *Voz no Som Espiritual*’, devemos aprender a natureza de Dhāranā, que é ‘a intensa e perfeita concentração da mente em um objeto interior, acompanhada de completa abstração de tudo o que pertence ao Universo externo, ou ao mundo dos sentidos’.⁽²⁾ Provavelmente sabemos onde estamos com relação à perfeita concentração e abstração do mundo dos sentidos! Então, imediatamente, somos instruídos a procurar o Rāja dos sentidos, a própria fonte controladora dos sentidos, o produtor de pensamentos, pois ele ‘desperta a ilusão’. A Mente é o matador do Real, e nós devemos matar o matador. Essa afirmação poderosa nos mostra que a consciência existe em muitos níveis e que

há sensações em todos esses níveis, e todas elas devem ser eliminadas. A implicação imediata dessas afirmações é dada. ‘Quando para si mesmo sua forma parece irreal, assim como, ao acordar, todas as formas que ele vê nos sonhos...’⁽³⁾ Quantos de nós conseguem ver nossa forma – física, emocional, psíquica, mental – dessa maneira? É somente quando deixamos de ouvir os muitos que podemos discernir o único – que podemos deixar a região de *Asat*, o falso, e entrar no reino de *Sat*, o verdadeiro. É somente unindo a alma ao falante silencioso que ouviremos a voz suprema, a *Voz do Silêncio*.

Armadilhas ao longo do caminho

Em poucas palavras, eis o que devemos fazer. Mas o que isso significa e *como* fazê-lo será revelado nas páginas seguintes. Recebemos três advertências: se a alma canta em seu corpo encarnado – comparado a uma crisálida, que é o veículo no qual a humilde lagarta se transforma na bela borboleta – ou se chora nesse veículo ou procura romper o fio antaskaranico que a liga ao Self [Eu] Superior – a alma é da Terra. Mas se ela se retira do barulho e do sofrimento do mundo para dentro de si mesma, ela não é digna. E se ela se estender por todo o espaço e disser ‘Este sou eu’, estará presa na *Mahāmāyā*, a grande ilusão. O que somos, de fato, está além da diversidade da manifestação e, aqui mesmo, somos informados sobre as maneiras pelas quais podemos perder o Caminho do conhecimento real. O Caminho evita a imersão e a retirada, pois o Bodhisattva está engajado e, ainda assim, separado; o Bodhisattva está no mundo, mas não é do mundo, para usar as palavras do Iniciado Jesus.

Após esses avisos, somos informados de que nossa encarnação terrena é o Salão da Tristeza, a situação daqueles que ignoram o que o ser humano é na realidade. Em termos gerais, se quisermos conhecer TODO O SELF, teremos que renunciar ao Self para nos tornarmos Não-Self, Ser para Não-Ser. Só então poderemos descansar no ‘AUM através das eras eternas’.⁽⁴⁾ Já nos ensinaram que nossas personalidades são ilusões absolutas e até mesmo nossas individualidades estão muito aquém da Verdade real.

Todo o Caminho é colocado em termos da analogia de três Salões. O Salão do Sofrimento é o Salão da Ignorância, e lembramos que essas instruções são para os ignorantes. Devemos sair dele e passar pelo Salão do Aprendizado, e aqui há distrações poderosas, flores sedutoras sob as quais as serpentes se enrolam. Esses são os poderes astrais das regiões astrais, ‘percepções super-sensuais’ e ‘visões enganosas’, todos parte da Grande Ilusão, *Mahāmāyā*.

Esses são todos aqueles poderes psíquicos inferiores que estão latentes no ser humano e até mesmo os superiores, se não forem desenvolvidos com a compreensão correta. Se passarmos com sucesso por esse Salão, chegaremos ao Salão da Sabedoria, que não é descrito aqui. Além desse Salão, ‘estendem-se as águas sem margens de AKSHARA, a Fonte indestrutível da Onisciência’.⁽⁵⁾ Observe que não é dado um limite a Akshara, o que sugere que ele se estende até o infinito, além da compreensão mental encarnada.

Para completar o quadro, temos uma analogia musical: temos que ouvir os ‘sons místicos’ do Self Superior de seis maneiras e, em seguida, devemos descartá-los, o que significa descartar a personalidade e até mesmo nossa individualidade, que podemos considerar como Buddhi-Manas, e colocá-los aos pés do Mestre, pois o sétimo som ‘engole’ todos os outros e eles não são mais ouvidos.⁽⁶⁾ Esse Mestre está dentro de cada um de nós e também está fora, além de nossas concepções convencionais, embora seja invariavelmente útil quando necessário. Quando essa transformação em nosso verdadeiro ser ocorre, somos ‘fundidos no UNO’ – Ātman – e vivemos Nele. Aqui está a primeira referência que nos aponta para a Vida Una.

Desapego da personalidade

A linguagem da violência aparece em toda a *Voz*, e podemos nos surpreender um pouco com isso – dizem-nos para ‘destruir’ a personalidade, ‘matar’ a forma lunar, ‘esmagar’ a personalidade, ‘matar’ o desejo e assim por diante.⁽⁷⁾ Mas se ‘o reino dos céus é tomado pela violência’, como Jesus ensinou, isso significa que devemos ter conquistado o que parecia ter conquistado nossa natureza real. Todos nós conhecemos pessoas que se identificam profundamente com suas posses. Nos Estados Unidos, alguns se identificam tanto com seus automóveis que ficam pessoalmente magoados se eles forem amassados ou arranhados. Mas a maioria de nós pensa nos carros como meios de transporte, guardados na garagem quando não são necessários para viajar entre dois lugares. Devemos fazer o mesmo com nossa personalidade – nossa persona ou máscara, pois é disso que se trata – e até mesmo com nossa individualidade. Essa reorientação significa não nos identificarmos com eles, mas sim usá-los como instrumentos para servir a algum propósito e deixá-los de lado quando não forem necessários. Para muitos de nós, alcançar essa condição é doloroso, até mesmo violenta, pois nos apegamos tão desesperadamente ao ‘eu’ como diferente de ‘você’.

Manter-se engajado com o mundo

Em seguida, nos é dada uma imagem do que deve ser feito para entrar no Caminho, para avançar espiritualmente, por assim dizer. Assim como não devemos nos apegar ao que não é realmente nosso, também não devemos nos afastar do mundo. Devemos ouvir e responder a todos os gritos de dor dos outros, mas ser imunes aos nossos. Por quê? Porque, por mais diferentes que sejamos, o que somos na realidade é um só. Enquanto não pensarmos e agirmos como se essa fosse a realidade, não estaremos no Caminho, embora possamos aspirar a ele. Pois ‘Você não pode percorrer o Caminho antes de ter se tornado o próprio Caminho’.⁽⁸⁾ Nós nos tornamos aquilo a que aspiramos com determinação, e qualquer coisa menos do que a Vida Una é *māyāvica* em relação a ela. Recebemos instruções para começar e trilhar esse Caminho, que é o *nosso próprio*, tanto para subjugar a personalidade quanto para transcender a individualidade, apenas para descobrir que existem dois Caminhos. Um Caminho leva ao *nirvāna*, que o Mahā-Chohan chamou de ‘egoísmo exaltado’.⁽⁹⁾ Aqui, o senso de um eu separado não foi totalmente erradicado nos níveis mais elevados de consciência. Ao seguir esse caminho, a pessoa não conseguiu entender que, em todos os níveis, ela não está separada de todas as outras. O segundo caminho leva à realização do ideal do Bodhisattva, e esse ideal é o que os pāramitās almejam.

A Via Pāramitā é o caminho que nos leva além de nossos selves [eus] *māyāvicos* transitórios, através de nossa individualidade, em direção à Vida Una que, em última análise, somos. Às vezes é chamado de caminho do Bodhisattva, que leva o bodhisattva – com um ‘b’ minúsculo, indicando um aspirante sério – a se tornar um verdadeiro Bodhisattva – com um ‘B’ maiúsculo, aquele que vive em *māyā* apenas para o bem de todos os seres. O caminho pode ser visto como um programa dinâmico de autotransformação, dissolvendo a ilusão e revelando nossa verdadeira natureza. Aqui, pode-se pegar emprestada uma analogia de Sri Śankarāchārya e dizer que é a maneira de remover as nuvens para que o sol espiritual possa brilhar. Embora as perspectivas sobre o caminho possam variar, todas caracterizam o mesmo Caminho, que pode ser apontado, mas deve ser trilhado por nós mesmos. Como o Buddha ensinou, todo o nosso entendimento é apenas uma balsa que nos leva para a outra margem, onde o mero entendimento é deixado de lado para a realização.

Primeiro passo: viver para a humanidade

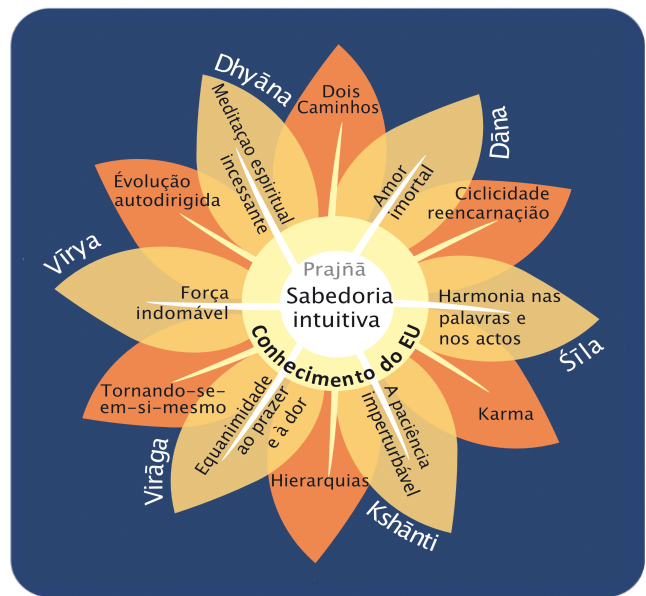
Somos informados no Fragmento II de a *Voz* com certa profundidade o que está envolvido em começar a trilhar

esse Caminho – que, lembramos, somos nós mesmos – e, em seguida, nos é dada a poderosa, embora contundente, declaração resumida: ‘Viver para beneficiar a humanidade é o primeiro passo. Praticar as seis gloriosas virtudes é o segundo’. O primeiro passo é a renúncia de ganhar qualquer coisa para si mesmo, embora, como *a Luz no Caminho* nos diz, devemos trabalhar como aqueles que são ambiciosos para si próprios. Esse primeiro passo anuncia o último passo: ‘Alcançar a bem-aventurança do Nirvãna, mas renunciar a ela, é o passo supremo, o passo final – o mais alto no Caminho da Renúncia’.⁽¹⁰⁾ Essas ‘virtudes gloriosas’ são as seis pāramitās, nomeadas em vários textos budistas e tratadas de forma bastante diferente em *a Voz*. Também somos imediatamente advertidos de que esse ‘Caminho Secreto’ pode ser muito ‘elevado’ para nós. Cada um de nós deve decidir isso por si mesmo. Se for o caso, siga a ‘Doutrina do Olho’, o caminho exotérico conforme estabelecido nos textos exotéricos. Mas, se estiver determinado, e a ninguém for negada a oportunidade de seguir o Caminho secreto, pode-se tentar trilhá-lo até o final luminoso.

Os pāramitās: chaves para a transformação interior

As pāramitās não estão enunciados aqui, embora estejam implícitas no texto a seguir. Quando são apresentados no Fragmento III de *a Voz*, eles são simbolizados como Portais e caracterizados ali.⁽¹¹⁾ Como cada discípulo é o próprio Caminho, esses Portais são pontos de transição profundos na natureza do discípulo. Um pāramitā, literalmente aquilo que nos leva além do que pensávamos que éramos, é uma virtude que transforma a consciência, a percepção e a relação com o chamado mundo externo. Os Portais não são nomeados, mas as pāramitās são chamadas de chaves douradas para abrir o portão de cada Portal, que é o que bloqueia o avanço de um aspirante, os *samskāras* e *skandhas* que são discutidos em outros lugares nos escritos de H.P.B.

Dāna é ‘a chave da caridade e do amor imortal’.⁽¹³⁾ Literalmente, *Dāna* significa ‘dar’. Imediatamente vemos que *Dāna* deve ser entendido em muitos níveis. Ele inclui servir aos outros por meio da doação, mas ‘amor imortal’ implica muito mais. Sugere um amor universal que não é mera emoção, mas sim uma identificação com toda a existência, mesmo reconhecendo sua *māyā*. Esse amor vai além das aparências e é incondicional – não sendo afetado pelo que os outros dizem e fazem, para o bem ou para o mal. É altruísta. Uma tradução poderia ser ‘magnanimidade’.



Mais explicações sobre os sete pāramitās e as sete Joias da Sabedoria podem ser encontradas no relatório do simpósio de 2021 ‘Ajude a construir a mentalidade do futuro’.⁽¹²⁾

Tudo isso, é claro, pode ser feito do ponto de vista da personalidade, mas imagine essa virtude – essa força, já que ‘virtude’ vem de ‘vis’, o termo latino para ‘força’ ou mesmo ‘vigor’ – tornando se na natureza de alguém. Aqui, a pessoa é generosa, não porque esteja seguindo algum preceito moral, mas porque é exatamente o que ela é e o que ela faz. Como uma chave, sua plena realização nos leva a um portal onde não seguimos um preceito, mas nos tornamos o próprio preceito.

Śhīla, exotericamente, moralidade ou ética, é conduta, ‘a chave da harmonia em palavras e atos’, equilibrando causa e efeito de modo que ‘não haja mais espaço para a ação kármica’. Que visão elevada da ética: a pessoa *se torna* o equilíbrio. No caminho para alcançar esse estado, isso significa pensar e agir com integridade, e essa integridade está enraizada e expressa a unidade e a causalidade universais.

Kṣhānti, ‘paciência doce que nada pode perturbar’, é a capacidade de não ser afetado pelos altos e baixos da existência encarnada, essencial para viver para os outros. Somos lembrados aqui de que ‘O caminho para a liberdade final está dentro de você’ e ‘Esse caminho começa e termina fora do Self – o self que é pessoal, individual e separado de outros supostos selves’.⁽¹⁴⁾ Lembramos que anteriormente nos foi dito que: ‘Tanto a ação quanto a inação podem encontrar espaço em você; seu corpo agitado, sua mente tranqüila, sua Alma tão límpida quanto um lago de montanha’.⁽¹⁵⁾ Ao se tornar *Kṣhānti*, a pessoa é paciente por dentro e por fora, paciente com os outros que estão

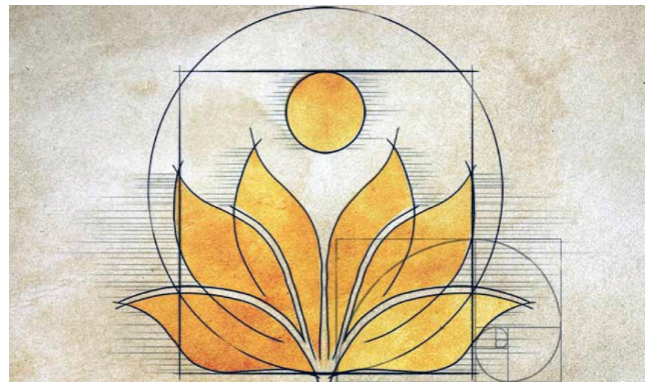
lutando, à sua maneira, com as questões da vida, e paciente consigo mesmo, que tem muito a conquistar.

E aqui H.P.B. introduz um Portal não listado entre as seis gloriosas virtudes exotéricas: *Virāga*, ‘indiferença ao prazer e à dor, ilusão conquistada, somente a verdade percebida’. Uma razão para essa inclusão é que, nas discussões budistas exotéricas sobre paciência, essa indiferença está incluída na ideia de suportar a turbulência do mundo. B.P. Wadia, em uma carta a um aspirante, disse que o *Virāga* é o ponto de apoio que sustenta todas as virtudes, e H.P.B. o coloca aqui no centro dos seis Portais. Podemos começar a ver que todas as virtudes estão dentro de cada virtude como ressonâncias que são preparatórias para a plena realização, ou seja, para usar as chaves de ouro para cruzar cada limiar. Imagine assimilar *Virāga* de tal forma que agora a pessoa seja ‘naturalmente’ e indiferente tanto ao prazer quanto à dor. A pessoa conhece ambos, é claro, mas não é mais distraída pelo prazer ou perturbada pela dor. A pessoa está pronta para se concentrar totalmente na tarefa que tem em mãos – servir a humanidade e se tornar um Bodhisattva, um ser altruísta que discerne as necessidades dos outros e as atende perfeitamente dentro dos limites do karma.

Os três segundos pāramitās requerem nossa compreensão mais profunda para entender seus significados. *Virya*, ‘energia destemida que luta para alcançar a VERDADE SUPERNA, saindo da lama das mentiras terrestres’. Aqui está o foco total na Verdade e na Realidade, sem distração ou mesmo preocupações secundárias. *Dhyāna*, a sexta chave de ouro, abre o portão que nos leva ‘ao reino do Sat eterno e à sua contemplação incessante’. É difícil para nós ter a sensação de ser um Adepto cuja consciência está em tal contemplação incessante, mesmo quando ele ou ela atende ao que é necessário para a humanidade. Normalmente, meditamos por períodos de tempo e pensamos, talvez com frequência todos os dias, sobre Theosophia, mas o Adepto está sempre nessa condição, não importa o que esteja acontecendo ao seu redor.

Finalmente, *Prajñā* é a chave que ‘faz de um homem um Deus, criando-o um Bodhisattva, filho dos Dhyānis’. Essa é a sabedoria à qual o Caminho que é o próprio ser chega – ‘as águas sem margens de AKSHARA’, a Verdade que é todos os seres. Mas imediatamente somos lembrados de que, antes de podermos nos aproximar dessa realização última, precisamos dominar os pāramitās, ‘as virtudes transcendentais em número de seis e dez’.⁽¹⁶⁾ Essa é a segunda vez que os seis e os dez são mencionados em a *Voz*, e os pāramitās não nomeados não são fornecidos. Por quê? Talvez a razão para não explicar esses pāramitās sem nome

tenha sido dada logo no início, quando nos foi dito que essas instruções são para aqueles que ignoram o Iddhi inferior. Os textos budistas exotéricos os listam como *Upaya*, meios hábeis; *Pranidhāna*, perfeição do voto do Bodhisattva; *Bala*, perfeição do poder espiritual; e *Jñāna*, perfeição do conhecimento, aquele conhecimento que é o próprio ser. Para dominá-los, é necessário dominar os seis e passar pelos sete portais, e quem não o fez não pode possuir nenhum deles, embora encontre ecos deles no esforço para dominar os seis. E pode ser que o significado esotérico desses últimos pāramitās só possa ser compreendido por meio da Iniciação. Em todo caso, a *Voz* não os explica.



Em várias tradições de sabedoria, o lótus é um símbolo do desenvolvimento completo do homem até e incluindo seu aspecto espiritual mais elevado. No budismo, o Bodhisattva é frequentemente representado sentado em um trono de lótus ou segurando um lótus. Assim, o Bodhisattva desenvolveu todos os seus potenciais internos e sabe como usá-los com maestria para tudo o que vive. O mantra místico *Om Mani Padme Hum*, sobre a Joia no Lótus, refere-se à realização mais íntima por meio da união com o Ser Universal e, portanto, representa a unidade de todos os seres, com os quais o Bodhisattva se relaciona compassivamente.

A Via Pāramitā e a Vida Una

A Via Pāramitā é o caminho para a realização do que somos e mostra que, para obter essa realização, devemos aspirar a ela e nos tornar o Caminho. O fim está no começo, assim como o carvalho está na bolota. O Bodhisattva não foge do mundo, mas renuncia à possibilidade de fuga apenas para desvendar os véus da manifestação *māyāvica* a fim de servir aos outros. O Bodhisattva realiza a Vida Una, a Verdade, Sat, e, portanto, entende todos os níveis de consciência e existência abaixo dela como máscaras, uma involução e evolução necessárias para essa realização. O Caminho parece longo e difícil, exigindo reencarnações até mesmo para entrar nele, e exigindo que desistamos de tudo que é pessoal e, em última análise, de tudo que é individual. No entanto, o que é abandonado é *māyā* em

todos os níveis. O que é um sacrifício para o aspirante – e a *Voz* indica os muitos sacrifícios que devem ser feitos neste Caminho – será, quando passado, visto como nenhum sacrifício, mas como uma aproximação da bem-aventurança da própria Vida Una imperturbável. Em seguida, o Bodhisattva faz o sacrifício muito maior de se afastar da fusão com a Vida Una para que ele ou ela – estando totalmente além da identificação com o gênero – possa servir à humanidade que sofre e luta.

Que possibilidade mais alegre poderia existir? A Vida Una ressoa, não importa quão vagamente, dentro de nós, e somos convidados a buscá-la. Para: ‘Aquilo que é incriado permanece em ti’,⁽¹⁷⁾ e ‘A luz do ÚNICO MESTRE, a única luz dourada e imperecível do Espírito, lança seus raios refulgentes sobre o Discípulo desde o início.’⁽¹⁸⁾

Concluimos com uma famosa citação de *A Doutrina Secreta*:

Começando a longa jornada imaculada; descendo cada vez mais na matéria pecaminosa e tendo se conectado com cada átomo no Espaço manifestado – o *Peregrino*, tendo lutado e sofrido em todas as formas de vida e ser, está apenas no fundo do vale da matéria, e na metade de seu ciclo, quando se identifica com a Humanidade coletiva. Ela *foi criada à sua própria imagem*. A fim de progredir para cima e para casa, o ‘Deus’ tem agora de subir o caminho cansativo do Gólgota da Vida. É o martírio da existência autoconsciente. Como Viśvakarman, ele tem que se sacrificar *a si mesmo* para redimir todas as criaturas, para ressuscitar das muitas para a *Vida Una*. Então, ele ascende ao céu de fato, onde, mergulhado no incompreensível Ser absoluto e na Bem-aventurança de Paranirvāṇa, ele reina incondicionalmente, e de onde ele descenderá novamente na próxima ‘vinda’, que uma parte da humanidade espera em seu sentido de letra morta como o segundo advento, e a outra como o último ‘Kalki Avatāra’.⁽¹⁹⁾

Esse grande ensinamento nos foi dado por Aqueles que Sabem por meio de H.P.B. e seus colegas. Que possamos usá-lo bem.



Gautama, o Buddha (figura do meio), desce do céu, em uma escada, para continuar seu trabalho na Terra. Ele é acompanhado por Indra e Brahma. Relevô budista.⁽²⁰⁾

Referências

1. H.P. Blavatsky, *The Voice of the Silence (A Voz do Silêncio)*. Nova York, The Theosophical Publishing House Company, 1889 (edição original), p. 1. Fonte: https://blavatskyarchives.com/theosophypdfs/blavatsky_the_voice_of_the_silence_1889.pdf.
2. Ver ref. 1, p. 1, nota de rodapé 3.
3. Ver ref. 1, p. 2.
4. Ver ref. 1, p. 5.
5. Ver ref. 1, p. 6.
6. Ver ref. 1, p. 9-10.
7. Ver ref. 1, p. 12-13.
8. Ver ref. 1, p. 12.
9. A carta do Mahā-Chohan pode ser encontrada aqui: <http://www.theosophyconferences.org/wp-content/uploads/2016/10/Maha-Chohan-Letter.pdf>.
10. Ver ref. 1, p. 33.
11. Ver ref. 1, p. 47-49.
12. Herman C. Vermeulen, Ajude a construir a mentalidade do futuro. Artigo em *Lúcifer* 2022-1 (edição do simpósio), p. 4. Fonte: https://blavatskyhouse.org/uploads/files/Lucifer_PT/lucifer-pt-2022-1.pdf
13. Ver ref. 11.
14. Ver ref. 1, p. 39.
15. Ver ref. 1, p. 29.
16. Ver ref. 1, p. 48.
17. Ver ref. 1, p. 7.
18. Ver ref. 1, p. 17-18.
19. H.P. Blavatsky, *The Secret Doctrine (A Doutrina Secreta)*. Volume I. Adyar, The Theosophical Publishing House, 1978, p. 268 (paginação da edição original de 1888).
20. Imagem detalhada da descida do Buddha do céu Trayastrimsha, 200-300 d.C. Victoria and Albert Museum (Londres). Fonte: <https://collections.vam.ac.uk/item/O64919/descent-of-buddha-from-trayastrimsa-panel-unknown/>.

Perguntas sobre a aplicação dos pāramitās

Um participante faz uma citação de Robert Crosby, que diz: ‘A humanidade peca, lamenta, sofre e morre milhares de vezes. Por causa de quê? Apenas ignorância’, e faz a seguinte pergunta:

O que os estudantes de Teosofia podem fazer para reduzir essa ignorância por meio dos pāramitās em um sentido prático, quando consideramos os enormes problemas do mundo, pensamos nas guerras que estão sendo travadas agora? Como traduzi-los para a prática cotidiana, quando talvez não possamos falar diretamente sobre os pāramitās? Então, isso também se refere a como discutir isso com outras pessoas, que não estão familiarizadas. Você pode dizer algo sobre isso?

Elton Hall responde: Há uma coisa que a turbulência no mundo, a turbulência humana, nos permite fazer. É fácil ter a tendência de tomar partido, e vemos isso no mundo quando há forças conflitantes, como na Ucrânia e no Oriente Médio. Porque a pessoa é solidária com a condição de um lado ou de outro. O que se pode fazer é dar um passo atrás conscientemente e perguntar: por que não somos solidários com os dois lados? Afinal, todos esses são seres humanos envolvidos nesse tumulto. E isso nos leva a um pensamento autorreflexivo, em que podemos perguntar: ‘O que há em mim que está sendo refletido no que está acontecendo?’ Uma maneira quase infantil de colocar isso é dizer: ‘Se eu fosse o rei do mundo, que tipo de tirano eu seria?’ E então começo a ter uma visão da tirania. Portanto, há um trabalho interno que essa turbulência externa nos sugere imediatamente.

O segundo é lembrar daquela frase maravilhosa: ‘viver para beneficiar a humanidade é o primeiro passo’. O que para mim é um mantra. Significa que temos de ver cada ser humano como um ser humano. Então, podemos começar a nos perguntar o que eles estão passando para fazer isso? Se fizermos isso, talvez tenhamos pistas sobre o que dizer agora em nível local, quando nos deparamos com pessoas que estão obviamente sofrendo. Elas estão passando por divórcios, estão viciadas em drogas, etc. Estão simplesmente irritadas com o mundo ou com seu trabalho. Com essa abordagem, podemos aplicá-la localmente. Tenho de começar ouvindo e sendo compreensivo com o fato de que uma pessoa está passando por dificuldades. Isso não significa que eu tenha de aprovar ou apoiar o que ela está

fazendo. Mas se eu puder entender, para usar uma frase antiga da década de 1960, ‘de onde eles estão vindo’, poderei então, de forma bastante impessoal, dizer coisas que eles considerem úteis e, às vezes, isso é apenas fazer perguntas. ‘Percebo que você está se sentindo mal. Por que está se sentindo assim?’ E isso pode dar mais pistas e o que se pode fazer é: sugerir soluções que sejam uma aplicação dos pāramitās sem nunca mencioná-los.

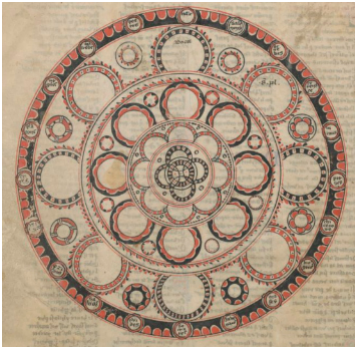
Quando olho para a situação no mundo, me pergunto em que fase estamos como humanidade e se, especificamente, uma certa pāramitā viria à tona agora, o que poderia levar à paz?

Bem, karma está constantemente se precipitando. Mas, como já nos foi dito, existe karma pessoal. Existe karma individual. Há karma nacional, karma global. E é provável que eles viajem em ciclos porque, no caso do karma global, à medida que a humanidade reage a ele, gera mais karma, que depois volta. E parece que estamos recebendo uma parte bastante substancial do karma que resultou das ações passadas da humanidade. Suspeita-se que a humanidade atualmente encarnada, em uma encarnação anterior, teve muito a ver com isso.

Então, o que podemos fazer sobre isso? Acho que começa logo com a primeira pāramitā. Se olharmos para ela não apenas como ‘doação’ em um sentido mecânico, mas como magnanimidade. Viver generosamente com os outros, pensar generosamente com os outros. Se alguns de nós puderem fazer isso, assim como o Dalai Lama acredita, acho que isso teria um efeito positivo, mesmo que não estejamos em contato direto com aqueles que estão tão imediatamente envolvidos na turbulência.

Do axioma à Verdade

A lógica da Theosophia



Pensamentos-chave

- » A Teosofia não é uma meta, mas um caminho.
- » Uma verdade menor pode ser parte de uma verdade maior.
- » A descoberta da verdade exige continuamente uma ‘mente aberta’.
- » Todos nós somos uma expressão da mesma Fonte, embora a expressemos individualmente e de forma limitada.
- » Por meio das três proposições da Teosofia, podemos chegar a percepções maravilhosas e aplicáveis sobre a vida.
- » Para encontrar a Verdade, precisamos desenvolver nosso pensamento em níveis universais.

A busca da verdade é um tema ao qual a Sociedade Teosófica de Point Loma (TSPL) atribui grande importância. É por isso que *Lúcifer* também dá muita atenção a esse assunto.⁽¹⁾ Para este artigo, os editores editaram uma palestra de Herman C. Vermeulen de 2021, na qual ele destaca a lógica da Theosophia com uma reflexão sobre o significado dos axiomas como ‘ferramentas’ para encontrar a Verdade.

Para muitas pessoas interessadas em Teosofia, a introdução à nossa literatura não é fácil. Elas consideram a literatura teosófica, especialmente *A Doutrina Secreta* de H.P. Blavatsky, difícil. Mas também em outras obras, por exemplo, de W. Q. Judge e G. de Purucker, elas leem tantas explicações detalhadas sobre estágios de desenvolvimento e composição que muitas vezes respondem com ‘isso parece plausível, mas na verdade não tenho ideia do que se trata’.

Neste artigo, quero lançar luz sobre a lógica da Theosophia a partir de certos pensamentos principais, para esclarecer a estrutura subjacente da Theosophia. Quando isso estiver claro para nós, poderemos abordar melhor todos os detalhes relativos a consciências individuais, seres humanos, animais, células, deuses, em outras palavras, seres, tornando a literatura muito mais acessível para nós.

Primeiramente, algumas considerações sobre o termo ‘Theosophia’. Theosophia é uma contração de duas palavras gregas: *Theos* e *Sophia*

e significa ‘Sabedoria Divina’. Isso levanta imediatamente a questão de como devemos considerar esse termo: ‘Sabedoria dos Deuses’ é de um nível muito mais elevado do que a nossa ideia humana média de sabedoria.

A diferença entre Teosofia e Theosophia

Devemos também fazer uma distinção muito clara entre Teosofia e Theosophia. Permita-me descrevê-la da seguinte maneira: a Teosofia que conhecemos hoje é *aquela* parte da Theosophia que foi tornada pública por H.P. Blavatsky e seus Professores desde 1875. É, portanto, uma parte limitada. Sua introdução foi dirigida principalmente ao Ocidente. A Teosofia que as pessoas do Ocidente deveriam ser capazes de entender. Todas as publicações desde aquela época estão em inglês, embora muitas vezes mantenham os nomes originais em sânscrito e seus significados.

Foi o início de tornar a antiga Sabedoria Universal conhecida novamente,

com Blavatsky indicando que mais conhecimento poderia vir depois, dependendo de como as pessoas receberiam essa parte. Em outras palavras, elas estão dispostas e seu pensamento é flexível o suficiente para aceitar uma linha de pensamento diferente e olhar para a vida de um ponto de partida diferente, um ângulo diferente? Elas podem trabalhar com isso, ganhar experiência e aumentar sua percepção?

De fato, mais conhecimento se seguiu, pois nas décadas posteriores a 1875 – o ano em que a Sociedade Teosófica foi fundada – muitas outras publicações se seguiram. Da própria Blavatsky, mas também de seus professores, os Mestres, e mais tarde de W.Q. Judge, Katherine Tingley e G. de Purucker.

H.P. Blavatsky publicou muito, sendo que um marco muito importante nessa corrente da literatura teosófica foi a publicação de *A Doutrina Secreta* em 1888.⁽²⁾ Nesse mesmo ano, ela fundou a Escola Esotérica ou Oriental, na qual também foram dados alguns ensinamentos muito profundos a estudantes sérios.

Além de seus livros mais importantes – como *A Doutrina Secreta*, *Isis Sem Véu*, *A Chave da Teosofia* e *A Voz do Silêncio* – todos os seus artigos e manuscritos foram publicados nos 15 volumes *Collected Writings of H.P. Blavatsky*, compilados por Boris de Zirkoff.

A articulação da Teosofia

Também após sua morte, muito conhecimento teosófico foi disseminado, especialmente por G. de Purucker, o quarto líder da TSPL. Ele publicou muito como um suplemento e ajudou a entender melhor *A Doutrina Secreta* em particular. Pois o maior desafio que Blavatsky enfrentou – e que nós ainda enfrentamos hoje, tanto como organização quanto individualmente – é como podemos articular de forma mais adequada essa Sabedoria dos Deuses.

A história mostra como isso é difícil. Em todas as principais religiões e filosofias do mundo, a descrição de Theosophia, como uma Fonte comum, levou a uma enorme diversidade de interpretações. Ao longo dos séculos, pensamentos importantes dessa Fonte foram perdidos. Como resultado, algumas conclusões levaram – e ainda levam – a situações terríveis porque os pensamentos centrais dos quais a religião ou filosofia se originou não foram e não são compreendidos.

As terminologias usadas no passado – dependentes da cultura, dependentes da tradição – muitas vezes não conseguiram deixar claros os pensamentos importantes. Além disso, alguns pensamentos se tornaram mutilados à medida que

foram lenta mas seguramente antropomorfizados, ou ‘moldados como eu os entendo’. Se não entendermos algo claramente e depois afirmarmos ‘como eu entendo, assim é’, estaremos acelerando o caminho para a degeneração. E é extremamente importante evitar isso.

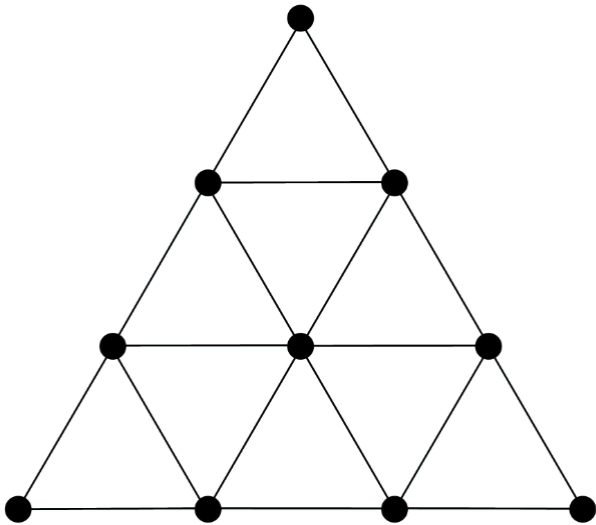
Ao articular a Teosofia, certamente não podemos perder de vista o fato de que a Teosofia não é uma *meta*, mas um *caminho*. Portanto, compreender *A Doutrina Secreta* não é algo que se possa completar. Não, é um caminho que sempre continua, e é inerente à nossa evolução. Assim como podemos ler um livro interessante, relê-lo anos depois e fazer ‘novas’ descobertas que tornam tudo muito mais claro. Então, indiretamente, reconhecemos que passamos por um crescimento, um desenvolvimento. É importante perceber que o desenvolvimento de nossa consciência é um caminho essencialmente infinito que todos nós estamos percorrendo juntos.

Os dois níveis do Logos

O termo ‘lógica’ vem da palavra grega Logos. Agora, na interpretação atual do conceito de lógica, sempre vemos uma divisão, como a lógica na filosofia, a lógica na religião, a lógica na engenharia ou a lógica no software. Entretanto, isso é um estreitamento, um rebaixamento da imagem ideal original. Para entender a ideia principal, os dois níveis do significado original em grego são importantes. O Logos *endiathetos* ou ‘a palavra não falada’ é a abstração, a imagem ideal’ e o Logos *prophorikos* é ‘a palavra falada, a expressão’. Muito sutilmente, forma-se aqui a imagem de hierarquias de conhecimento, de consciência, nas quais o conhecimento no topo é transmitido ‘para baixo’, esperando-se que seja interpretado corretamente no processo. A lógica, portanto, é ‘pensar a partir dos Logoi internos, as ideias universais’, e a lógica não é garantia de sabedoria absoluta. O que importa é a precisão com que a palavra falada representa o ideal. Usando uma descrição abstrata, podemos afirmar: *O Logos é a primeira entidade manifestada no topo de qualquer hierarquia*.

Ou, em outras palavras, há uma Sabedoria superior, uma consciência superior, com o conhecimento e a inspiração irradiando para os ‘reinos’ inferiores para ativá-los lá.

Vemos a estrutura hierárquica claramente modelada no te-traktys de Pitágoras, com o Logos formando o topo. As partes inferiores da hierarquia enfrentam o grande desafio de expressar a inspiração do topo da forma mais sincera e universal possível. Dessa forma, a lógica é a aplicação de estruturas universais. Nesse sentido, um dos fundamentos teosóficos mais importantes é que tudo o que percebemos



se baseia nessas mesmas estruturas universais. Portanto, isso se aplica a seres humanos, animais, minerais, átomos, células, moléculas, enfim, a todos os seres, todas as consciências. O desafio é aprender a entender essas estruturas. O melhor, então, é manter a estrutura em si no centro e não nos deixarmos distrair por variações e exemplos que possam nos levar a não reconhecer essa estrutura.

O que é a verdade?

A pergunta ‘O que é a verdade?’ pode levar a discussões acaloradas. As pessoas costumam falar sobre a *minha* verdade e a *sua* verdade, o que não deve ser confundido com a declaração de Jesus, o Nazareno, na Bíblia: ‘A minha paz vos dou, e a vossa paz vos deixo’. Infelizmente, nossa visão de mundo atual oferece muitos exemplos de conflitos decorrentes dessa oposição entre a minha verdade e a sua verdade.

Do ponto de vista teosófico, entretanto, duas verdades diferentes não podem coexistir. A verdade, vista de forma teosófica, representa uma única realidade. Se afirmarmos que duas realidades podem ser *diametralmente opostas* uma à outra, mas que também são ambas verdadeiras, então isso é impossível. Podemos, é claro, ter concepções individuais da Verdade, com letra maiúscula. A imagem dela pode ser muito mais distorcida para alguns do que para outros, mas continua sendo uma Verdade central.

A Verdade existe? Existe uma Verdade que está subjacente a tudo – ‘uma verdade absoluta?’ H.P. Blavatsky escreveu um artigo maravilhoso sobre isso em *Lúcifer*, em 1888: ‘O que é a Verdade?’. Nele, ela responde a essa pergunta com muito cuidado. O artigo pode ser encontrado em *Collected Writings*.⁽³⁾ Ela retrata uma Hierarquia da Sabedoria, cada era tendo seus Sábios que compreendiam a Sabedoria, a

Verdade em sua forma absoluta. No entanto, eles podiam ensinar essa Sabedoria, essa Verdade, apenas como verdades relativas.

Agora, esse é exatamente o mesmo desafio que H.P. Blavatsky enfrentou em 1875. A Theosophia, com seus conhecimentos, percepções e conceitos que eram totalmente desconhecidos na sociedade ocidental – até mesmo na literatura grega clássica – ela teve que expressá-los e descrevê-los em palavras que o Ocidente não tinha. Felizmente, ela conseguiu manter o sânscrito, um dos idiomas mais importantes da Sabedoria Antiga, fornecendo explicações durante o processo.

Do absoluto ao relativo

Em seu artigo, Blavatsky afirma que a partir do topo – o primeiro Logos – a Verdade abstrata e absoluta só pode alcançar as camadas subjacentes nas hierarquias em formas relativas. E ela também dá a razão para isso. Literalmente, ela escreve: ‘O maior adepto vivo pode revelar da Verdade Universal apenas o tanto que a mente na qual ele a está imprimindo pode assimilar, e não mais’.

Se um grande especialista em um determinado campo quiser transmitir seu conhecimento a alguém que não esteja totalmente familiarizado com ele, é fácil imaginar que a última pessoa precisará de muito tempo e esforço para permitir a entrada dos pensamentos. Talvez seja necessário deixar de lado as ideias antigas e permitir a entrada de novos pensamentos, considerá-los e testá-los.



Se estivermos abertos em nosso pensamento a verdades maiores, também devemos ser capazes de abrir espaço para o pensamento de que uma verdade menor pode ser *parte* de uma verdade maior. Isso é muito bem ilustrado na famosa parábola do elefante e os cegos. Nela, pede-se a várias pessoas cegas que descrevam o elefante que elas puderam tocar. Essas descrições variam muito: longo e fino para aquele que sentiu a cauda, forte e afiado para aquele que tocou uma preseta, enrugado para a pessoa cega que acariciou a pele e um pedaço áspero do tamanho de um tapete para aquele que pegou uma orelha.

Essa parábola mostra claramente que cada um deles estava certo, mas em uma pequena parte de toda a verdade. Se eles tivessem trocado seus conhecimentos entre si, teriam chegado a uma verdade maior. Em outras palavras: quando descobrimos uma verdade maior, não precisamos rebaixar uma verdade parcial a falsa, mas podemos ver sua limitação.

É claro que nossas preferências emocionais também podem influenciar nossa visão da realidade. Por exemplo, depois de um jogo de futebol, alguns dos espectadores estão felizes, outros estão decepcionados. Mas todos eles viram o mesmo jogo.

Usamos muito simbolismo, como a parábola do elefante e, por exemplo, a ‘caverna de Platão’, que mostra ainda mais amplamente as reações das pessoas a verdades parciais.⁽⁴⁾ Também usamos diagramas e gráficos, falamos sobre estágios evolutivos de Esferas e Círculos em forma de V, mas não é assim que esses processos se parecem na realidade. São representações gráficas para tornar algo claro, passo a passo. Certamente não há nenhum valor absoluto a ser atribuído a elas. No entanto, o objetivo é ativar nosso pensamento superior.

Idealismo objetivo

Na Bíblia, em Marcos 4, versículo 11, Jesus diz aos ‘Doze’ (seus discípulos): ‘A vocês foi dado conhecer o mistério do reino de Deus; mas aos que estão de fora, tudo vem por parábolas’.

Em outras palavras, o conhecimento direto está fora de questão: ele não pode ser recebido. Somente por meio de parábolas é possível ter uma ideia do que se trata a evolução humana e os estados de consciência humana. E o que *seríamos capazes* de alcançar.

Podemos nos referir a isso como ‘idealismo objetivo’. Atribuímos realidade ao que experimentamos e percebemos, embora isso não seja a essência e, portanto, também seja uma forma de ilusão. Simplesmente não estamos prontos para a essência, para essa verdade mais profunda.

Para ilustrar, H.P. Blavatsky em seu artigo dá um belo exemplo do sol e do girassol. A flor pode seguir os raios de sol de seu iluminador inatingível. A consciência humana é como o girassol: em nosso atual estágio de desenvolvimento, podemos de fato nos concentrar no Sol. ‘... cada um de nós pode alcançar relativamente o Sol da Verdade (...). Para conseguir isso (...) devemos trabalhar com seriedade para o desenvolvimento de nossa natureza superior.’⁽⁵⁾ Se quisermos entender a essência dos raios solares, ainda não nos concentramos diretamente no Sol. Nós construímos

nossa própria imagem, nossas verdades relativas que nós mesmos experimentamos como realidade. Portanto, ao nos concentrarmos em nossa essência espiritual e por meio de estudos e experiências, podemos crescer lenta mas seguramente em direção a uma compreensão cada vez maior, por meio da qual entenderemos cada vez mais a Verdade. Na frente desse processo estão nossas premissas. Elas determinam como nossa visão se desenvolve. Se começarmos com a ideia de que a consciência não existe e que há apenas matéria – e se essa também for uma visão dominante em nosso pensamento –, interpretaremos tudo como tal. Então, será muito difícil chegar a outra conclusão.

Sabedoria Universal

Falamos de Verdade e Sabedoria Universal. Como devemos interpretar esses conceitos? Como algo abrangente, sem cor e sem vínculo cultural.

Esse é um ponto de partida importante. Nunca podemos chegar a conclusões como ‘é como eu penso que é, portanto, é universal’. Não, uma descoberta de verdade deve ser testada sem restrições em nosso pensamento. Ela se encaixa no quadro geral que temos? É universalmente aplicável? Se não, então devemos concluir que ainda não compreendemos o lado universal da Verdade e da Sabedoria.

A sabedoria também é um atributo. Todos nós a temos em nós – em vários níveis, parte dela já está ligeiramente manifestada, às vezes, mas certamente latente. Podemos treiná-la. Ser sábio é a capacidade de expressar ativamente a sabedoria interna latente.

A primeira proposição fundamental de *A Doutrina Secreta* – mais sobre isso adiante – afirma que todos têm tudo dentro de si, inclusive a sabedoria. Portanto, *tornar-se sábio* é um processo de despertar e, quanto mais sábio nos tornamos, maior é a verdade que podemos ver. Para encontrar nosso caminho nesse sentido, examinamos os três conceitos de axioma, proposição e *hipótese*.

Axioma e proposição

Os conceitos de axioma e proposição são mais ou menos sinônimos. Axioma é um termo derivado do grego e usado especialmente em matemática. Um axioma é definido como *uma afirmação ou proposição não comprovada, mas aceita como base*. Um axioma matemático muito conhecido é: a conexão mais curta entre dois pontos é uma linha reta. Ele descreve de forma muito abstrata como uma linha reta se comporta, independentemente de seu comprimento e direção.

Outro exemplo de axioma matemático é o triângulo: três

universal. Se isso produzir uma linha de pensamento conclusiva para nós, teremos *provado que essa proposição universal é um fato e verdadeira para nossa forma de pensar*.

Assim, fazemos nossa própria descoberta e construção da verdade. Entretanto, devemos fazer isso sem ideias preconcebidas, ‘com a mente aberta’, e estar dispostos a testar constantemente nossas observações, especialmente quando já estamos começando a nos convencer de que algo é verdadeiro. Isso certamente é importante quando estamos analisando as três proposições de *A Doutrina Secreta*. Devemos ter a sabedoria de não *acreditar* nessas proposições, mas com nosso conhecimento acumulado da verdade, devemos ser capazes de *reconhecê-las*.

Trabalhar a partir das proposições para hipóteses pessoais e depois para apoiar essas proposições também é um processo dinâmico. Podemos colocar os eventos de nossa vida à luz das três proposições? À medida que crescemos em consciência, percebendo verdades maiores, devemos continuar a verificar se estão corretas.

O pensamento-chave é: somos movidos por detalhes ou por padrões universais? Quando chegamos à conclusão de que esses padrões universais são verdadeiros, estamos dispostos a mudar algumas de nossas decisões e estilos de vida de acordo com eles?

Tornar-se mais sábio não é algo que se faz sozinho

Quando nos tornamos mais sábios – quando realmente entendemos um fenômeno – uma pequena verdade ainda permanece verdadeira e se torna parte da Verdade maior. Vemos isso com Newton: sua proposição permanece sustentável em um contexto limitado, mas em um contexto mais amplo é necessário algo extra, que Einstein acrescentou.

Agora, é claro, nunca poderemos saltar mais longe do que o comprimento de nossa vara: nunca poderemos entender mais do que a sabedoria que desenvolvemos. Mas podemos nos treinar para esse desenvolvimento. Para obter apoio no estudo da Theosophia, você pode usar nossas palestras, nosso curso de Sabedoria Universal ou os Simpósios – todas as fontes por meio das quais nós, como organização, tentamos esclarecer essas coisas.

Portanto, ser sábio, conhecer a verdade, é relativo e está sujeito ao crescimento. Com esse elemento relativo, dependendo de nosso desenvolvimento individual, é bom discutirmos uns com os outros como chegamos a determinados pensamentos e quais conclusões tiramos de nossas

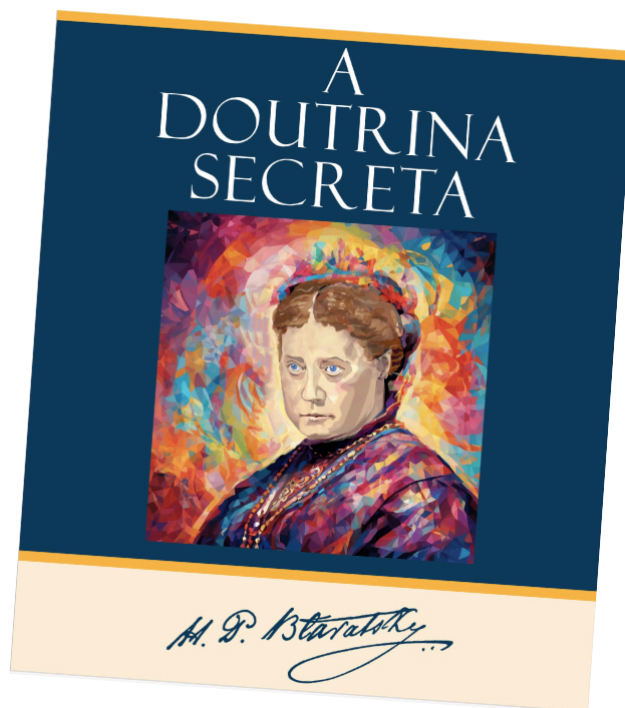
experiências. Dessa forma, ajudamos uns aos outros. É por isso que o estudo conjunto sobre esses tópicos sempre tem um efeito muito amplo e estimulante.

Quando trabalhamos com nossas habilidades e percepções mais universais e altruístas, também somos capazes de penetrar no coração, na essência mais profunda das coisas. E, dessa forma, também podemos restaurar a harmonia perturbada por causas cármicas.

Do axioma à verdade

A seguir, vamos examinar as três proposições de *A Doutrina Secreta* para ver como podemos passar desses axiomas para a Verdade. G. de Purucker escreveu em algum lugar que, da maneira como as três proposições de *A Doutrina Secreta* estão formuladas agora, elas são perfeitas para nosso atual estágio de evolução. *Mais* do que suficiente para ver o que elas podem significar.

Podemos dizer que essas proposições são elementos básicos para uma sociedade sábia. Encontramos essas proposições



no Prêmio de *A Doutrina Secreta* – uma parte extremamente importante do livro – em que H.P. Blavatsky explica a ideia geral e o esboço posterior da obra. Quando a parte I de *A Doutrina Secreta* passa a discutir as Estrofes sobre a evolução cósmica, fica claro que esse conhecimento e essa sabedoria só podem ser transmitidos em linguagem poética e simbólica, na qual teremos de fazer o máximo para construir uma imagem para nós mesmos, porque estamos chegando ao limite do que podemos entender.

A primeira Proposição Fundamental

Um princípio onipresente, eterno, sem limites e imutável sobre o qual toda especulação é impossível, porque transcende o poder da concepção humana e porque toda expressão ou comparação da mente humana não poderia senão diminuí-lo.

Um exemplo simples de princípio é o axioma do triângulo, cuja essência é que ele tem três ângulos. Não importa o quanto você distorça a coisa, ela sempre mantém essa essência. Portanto, o princípio Onipresente, Eterno, Sem Limites e Imutável significa que há algo subjacente a tudo, à totalidade, ao infinito. Tudo é uma expressão particular desse princípio. Homem, animal, molécula, um ser divino: *tudo* isso dá expressão individual a esse Princípio: Eterno, Sem Limites e Imutável, uma *essência permanente*. Sem limites também significa que não podemos ‘voltar’ ao primeiro Princípio, porque sempre *fomos* e sempre *seremos* esse Princípio. Portanto, tudo o que faremos no futuro é expressar o Princípio no nível que teremos alcançado até lá.

Com nosso atual nível de desenvolvimento – o nível humano – qualquer especulação sobre isso é impossível porque está além da compreensão humana. O Princípio é *tudo*, a premissa mais fundamental que podemos ter. A unidade inerente ao Princípio implica que todos nós fazemos parte da mesma fonte, *somos* a mesma fonte. Damos uma expressão limitada a isso, mas só com esse pensamento já deveríamos já seríamos capazes de resolver qualquer questão ambiental.

O fato de estarmos *sempre* presentes também significa que a vida e a morte são conceitos relativos. Quando morremos, desaparecemos ‘de vista’, mas nossa essência permanece sempre presente.

Para simplificar, vamos comparar o Princípio com o oceano. Vemos nele ondas, redemoinhos e correntes que não podem ocorrer fora desse oceano, porque a essência de uma onda é esse oceano, é essa água, a essência de um redemoinho é o movimento nessa água. Ou, em outras palavras, há uma moldagem, uma expressão nesse Princípio – muito limitada – mas é isso que vemos ao nosso redor. A humanidade não conseguirá resolver seus problemas com ideias como ‘todos nós vamos para Marte’. Se levarmos nossa mentalidade atual conosco, continuaremos a gerar os mesmos problemas. Não, temos de resolvê-los agora, aprendendo a viver em harmonia com esse Princípio, essa Unidade. Portanto, temos de estar sempre alertas para

saber se estamos sendo coerentes em nosso pensamento. Se, por exemplo, chegarmos à conclusão de que algo está desaparecendo no sentido de estar perdido, isso não pode ser feito à luz da primeira proposição fundamental. Isso nos dá a oportunidade de voltar ao ponto de partida: será que entendemos corretamente, será que devemos ver de outra forma? Isso pode ser muito esclarecedor.

A segunda Proposição Fundamental

A Eternidade do Universo *in toto*, como plano sem limites; periodicamente “cenário de Universos inumeráveis, manifestando-se e desaparecendo constantemente”, chamados “as estrelas que se manifestam” e “as Centelhas da Eternidade.”

“A Eternidade do Peregrino” é como um abrir e fechar de olhos da Existência-por-si-Mesma (Livro de Dzyan). “O aparecimento e o desaparecimento de Mundos são como o fluxo e o refluxo periódico das marés”.

No infinito da primeira proposição fundamental, há um elemento de periodicidade, de ciclicidade. E podemos reconhecer muito bem os ciclos em nosso mundo. Vemos inúmeros exemplos: vida e morte, estações do ano, dia e noite, o sol e sistemas solares inteiros giram em torno de sistemas ainda maiores em nossa Via Láctea. A ciclicidade é tão essencial em todas as formas de manifestação: ela mostra a grande cooperação de todas as consciências entre si, ajudando umas às outras a se expressarem. Toda a natureza funciona com base na ciclicidade.

A terceira Proposição Fundamental

A identidade fundamental de todas as Almas com a Alma Suprema Universal, sendo esta última um aspecto da Raiz Desconhecida; e a peregrinação obrigatória de cada Alma – uma centelha da primeira – através do Ciclo de Encarnação (ou “Necessidade”) de acordo com a lei cíclica e cármica, durante todo o período.’

Às vezes, abreviamos a identidade fundamental de todas as almas com a Alma Suprema Universal com o axioma hermético ‘Como em cima, assim embaixo’. Essa é uma ideia extremamente importante para indicar que os processos são os mesmos em todos os planos. A construção da Verdade Absoluta trabalha nessa direção: olhar através das formas para entender que esses processos são, em essência, os mesmos.

O obrigatório nessa proposição deriva da ciclicidade: a totalidade não consiste em repouso, mas em dormir e acordar periodicamente, vida e morte, ser ou não ser manifestado neste mundo exterior.

A Teosofia fala de manvantaras, grandes períodos cíclicos de 4 bilhões e 320 milhões de anos para a duração da vida de um planeta, e de vastos períodos de descanso: pralayas de duração semelhante. Em seguida, começa um novo ciclo de vida.

Mas em um período de descanso externo como esse, nem tudo no infinito cessará. Há muitos processos diferentes de ciclicidade acontecendo simultaneamente, e todos eles interagem para produzir manifestações.

O matemático e físico francês Fourier já afirmava que todos os fenômenos da natureza são sempre uma agregação de ciclicidades.⁽⁸⁾ Se somarmos essas ciclicidades, elas levarão a todos os tipos de aparecimentos e desaparecimentos aparentemente repentinos e menos repentinos. Mas eles sempre se baseiam em ciclicidades que produzem agregados de estímulo ou inibição de determinadas propriedades. Essa proposição fundamental também se refere à Lei Kármica. Karma, a lei de causa e efeito, flui diretamente do Princípio. A unidade é um princípio harmônico e, portanto, sempre há um movimento, uma força para restaurar a desarmonia.

Assim, vemos que por trás de todos os fenômenos existe uma força – o que geralmente chamamos de consciência. Por trás de toda forma externa há uma consciência, uma essência. Ela pode se expressar como um elétron, uma molécula, uma planta, um mineral, um animal, um ser humano ou um ser divino: todos são exemplos da cooperação de um número infinito de consciências. Pois toda manifestação é composta pela cooperação de um número muito grande de seres.

Buscar ativamente a Verdade por nós mesmos

Se pensarmos sobre essas coisas por mais tempo, podemos chegar a percepções maravilhosas sobre a essência e a ausência de limites. Também podemos usar essas três proposições fundamentais para nos perguntarmos onde encontraremos a Verdade. Em nível pessoal, podemos até obter resultados, mas devemos ter em mente a imagem do elefante que nos ensinou uma pequena verdade. Para obter a Verdade com letra maiúscula, teremos que ver além das percepções e opiniões pessoais e, conseqüentemente, seguir a essência.

Ninguém pode provar a correção de nada para nós; sempre teremos que fazer isso *nós mesmos*. Se não quisermos

cair na crença, mas realmente quisermos conhecer, só há um método: sermos ativos em nossa própria pesquisa e autotreinamento.

Encontrar a Verdade com letra maiúscula e tornar-se sábio significa crescer em nosso pensamento de um nível pessoal para um nível universal.

Referência

1. Veja, entre outros, Lúçifer, '2013 - 1 (relatório do simpósio Busca 'Independente da Verdade)', https://blavatskyhouse.org/uploads/files/Lucifer_PT/lucifer-pt-2023-1.pdf; e Lúçifer número 2020 - 4, relatório do simpósio *A Doutrina Secreta - A Teoria de Todo*, https://blavatskyhouse.org/uploads/files/Lucifer_PT/lucifer-pt-2020-4.pdf
 2. Consulte também Herman C. Vermeulen, 'O impulso espiritual de Helena P. Blavatsky', Artigo em: Lúçifer, 2023 - 3, p. 71. Fonte: https://blavatskyhouse.org/uploads/files/Lucifer_PT/lucifer-pt-2023-3.pdf
 3. H.P. Blavatsky, *Collected Writings*. Volume IX. Wheaton, The Theosophical Publishing House, 1962, p. 30-42 (originalmente publicado em: Lúçifer, volume 1, número 6, fevereiro de 1888, p. 425-433).
 4. E. Bomas, 'Plato: founder of a Mystery School' ('Platão: fundador de uma Escola de Mistérios') – palestra em inglês em novembro de 2018. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=JtwZiLBRJv0>.
 5. Veja a ref. 3.
 6. Consulte também a ref. 1, edição do simpósio 'A Doutrina Secreta – A Teoria de Todo'.
 7. Consulte a ref. 6.
 8. Consulte também a Wikipedia sobre o matemático e físico francês J.B.J. Fourier, 1768-1830.
-



Um país precisa de um exército?

O fato de possuir um exército não é uma questão amplamente debatida. É considerado um fato consumado que todo país deve ter um exército. Esse artigo levanta a questão da utilidade de um exército.

» O medo estimula a criação de uma imagem do inimigo, e uma imagem do inimigo gera medo.

» A segurança sustentável nunca pode significar insegurança para os outros.

» A construção de uma imagem de inimigo cria um vínculo com o inimigo percebido.

» Há países que não têm um exército.

Desde a guerra na Europa Oriental, tem havido um forte apelo por mais armamentos. Até mesmo os políticos pacifistas, que estavam convencidos de que o dinheiro destinado à defesa era mais do que suficiente, agora acham que estavam errados e que negligenciamos nossas forças armadas.

Os países da OTAN se comprometeram a gastar 2% do produto interno bruto (PIB) em defesa. Mas poucos países cumprem esse padrão. Após a invasão da Ucrânia pela Rússia, no entanto, há uma forte tendência entre os países da OTAN de atender a esse padrão. Consequentemente, estão sendo feitos investimentos substanciais na indústria bélica. A propósito, o padrão que todos os países ricos acordaram para a ajuda ao desenvolvimento, 0,7 do PIB, quase não é cumprido por nenhum país, nem mesmo aproximadamente. Não são apenas os países da OTAN que estão aumentando seus gastos com as forças armadas. Por mais pobres que alguns países sejam, uma parte substancial de seus orçamentos é reservada para fins militares. O aumento nos gastos com defesa é

tão óbvio que nem mesmo a questão de saber se todo esse dinheiro aproximará a paz é questionada.

Incidentes com esfaqueamento

Para entender os fatores subjacentes ao armamento dos países, pode ser útil reduzir a escala do armamento.

Em muitos países, o número de jovens que se armam com facas grandes está aumentando de forma alarmante. Isso cria uma competição macabra, pois cada faca comprada deve ser maior do que a do 'inimigo'. Vários incidentes com facadas ocorreram, alguns deles fatais.

Há algumas razões pelas quais esses meninos – em sua maioria meninos – compram facas tão grandes. Além de quererem ser durões e não serem inferiores a seus amigos, algumas entrevistas revelaram que eles também têm *medo*. Eles têm medo de outros jovens que também têm facas e contra os quais precisam ser capazes de se defender.

Agora, o medo é sempre um mau conselheiro. O medo restringe a consciência e destrói muito mais do que aquilo que você preza. O mesmo

se aplica a esses jovens que se armam com facas. Mas por que isso não se aplicaria aos países?

Segurança e insegurança

Os países também se armam por medo do inimigo, seja ele quem for. Um exército forte dá a sensação de segurança. Mas essa é apenas uma falsa segurança, pois com uma arma você realmente alimenta a sensação de insegurança. Pois você se torna dependente de algo externo a você. E isso nunca é suficiente. A faca sempre pode ser maior. Você sempre pode produzir mais armas nucleares. Além disso, outros países começam a se sentir menos seguros e, portanto, também começam a se armar. Na verdade, uma corrida armamentista é uma corrida de desconfiança.

A única maneira de acabar com isso é se as pessoas começarem a entender que a segurança nunca poderá ser criada se for aplicada somente a uma nação ou a um grupo de nações. A segurança real nunca pode existir pela graça da insegurança dos outros. Mesmo que as pessoas em um país percebam a situação como insegura, embora o país que temem não tenha a intenção de atacar, essa sensação de insegurança é tão real para elas quanto se o país tivesse a intenção de atacar.

Novamente, a comparação com jovens armados com facas pode ser esclarecedora. O grau em que aqueles com as maiores facas se sentem seguros determina a insegurança daqueles com facas menores, mesmo que esses rapazes digam que só usarão a faca se eles próprios forem atacados. A menos que você se eleve acima da sensação de segurança e insegurança, a segurança de alguns é inversamente proporcional à insegurança de outros. Somente quando as pessoas confiam umas nas outras e todos entregam suas facas é que há segurança *geral*.

Essa verdade é igualmente verdadeira no mundo internacional. Somente quando todos os exércitos forem abolidos é que poderemos construir um mundo seguro.

Mentalidade

Agora, as armas em si não são a causa da guerra. Isso está no pensamento humano.⁽¹⁾ Mas possuir armas significa que você presume que precisará delas algum dia. Você começa a pensar como e quando vai usar sua arma. Você desenvolve um padrão de pensamento mental que torna o ato de violência mais próximo.

Se não quisermos ferir a outra pessoa, não precisaremos de armas. São as pessoas que matam outras pessoas. As armas são apenas o meio pelo qual elas fazem isso.

Mas o fato de possuir armas incentiva outras pessoas a se

armarem também, especialmente se estiverem com medo e se sentirem ameaçadas. Em países onde há muitas armas em circulação – legais ou não – a taxa de homicídios é significativamente maior do que em países onde não há. A probabilidade de ser morto por violência armada é cerca de 77 vezes maior nos EUA do que em um país como a Alemanha.⁽²⁾ Possuir uma arma convida a usá-la. Assim como os garotos armados, em algum momento, começam a ameaçar com suas facas ou até mesmo a esfaquear com elas, quanto mais um país se arma, mais provável é que essas armas sejam usadas.

O medo evoca o medo

É o medo do outro que leva à violência. O medo é uma forma de ódio: você tem uma imagem negativa do que pode acontecer. Você quer se proteger disso. O medo sempre tem a ver com você mesmo, com sua própria vida, seu próprio país, sua própria segurança.

Os militares e muitos políticos defendem maiores contribuições financeiras para as forças armadas. Essa é a melhor garantia de paz, afirmam. Portanto, eles presumem a malícia da outra parte. Eles temem o outro. O orgulho nacional, o egoísmo nacional – seu próprio país em primeiro lugar – alimenta esse medo. As pessoas têm medo de perder o que têm.

É por causa dessa imagem negativa do que poderia acontecer que as pessoas começam a se armar de todas as formas possíveis.

O oposto do medo é o amor. E quanto mais impessoal e universal for o amor, menos você verá o outro como ameaçador. Isso se aplica tanto a indivíduos quanto a países. Agora, na política internacional, não se fala facilmente de amor, mas por que uma nação não deveria sentir simpatia por outra nação? Por que não presumir que o povo de outro país deseja a mesma segurança e prosperidade que nós? Por que essa ideia não é usada como ponto de partida na abordagem de outros países?

Karma

Com base no conhecimento da Teosofia, podemos acrescentar outro pensamento importante ao anterior. A formação do exército ocorre após a formação de uma imagem de pensamento sobre o inimigo, percebido ou não. De fato, tudo começa no pensamento, pois toda ação se baseia em um pensamento. Portanto, criar uma imagem de pensamento negativo sobre o inimigo incentiva a formação ou o fortalecimento de um exército. Quanto mais negativo pensamos sobre o inimigo,

mais forte queremos tornar nosso exército.

No entanto, esquecemos que, ao fazer isso, criamos um vínculo muito próximo com o chamado inimigo. O medo é uma forma passiva de ódio. É a criação de uma imagem de pensamento baseada na negatividade. E pensar em um pensamento não é descompromissado. Alimentar constantemente a imagem de um inimigo cria uma atmosfera mental, pela qual você é facilmente influenciado, principalmente se pensar de forma inconsciente.

Ter pensamento nunca é isento de consequências. De fato, um pensamento é o germe de uma ação. E a lei do karma ensina que toda ação produz consequências correspondentes em seu caráter.

Pensamentos de inimizade, aversão e medo causam uma impressão em sua consciência. E como os pensamentos, como todos os seres vivos, se repetem ciclicamente, se você continuar pensando neles e, portanto, continuar alimentando-os, eles continuarão crescendo. Entretanto, esse mesmo medo e repulsa também causarão uma impressão na consciência do 'inimigo', que chegará ao mesmo tipo de conclusão. Ele também tem pensamentos de medo e repulsa, mas direcionados ao outro. Assim, cria-se um vínculo kármico cada vez mais estreito baseado na negatividade. Felizmente, os políticos e militares geralmente controlam seus pensamentos e não partem para o ataque sem considerar as consequências, como aqueles caras com facas. No entanto, a história tem inúmeros exemplos em que um evento, por si só pequeno, deu origem a uma guerra sangrenta. Mesmo que a pessoa domine seu pensamento e não recorra à violência, ao assumir a hostilidade e manter ou expandir o aparato militar, o vínculo negativo com o 'inimigo' se torna cada vez mais próximo. A glorificação constante de seu próprio grupo, acompanhada de desprezo ou medo de outros grupos, cria um barril de pólvora mental no qual apenas uma faísca é suficiente para acender uma luta amarga que nunca resolve nada. Em outras palavras, a simples formação de um exército por medo do inimigo deve ter consequências. A menos que algo mude nos padrões de pensamento, a probabilidade de violência se torna cada vez maior.

Conforme mencionado, a verdadeira origem da guerra está na tensão mental e emocional acumulada. A menor tentativa de reduzi-la contribui mais para a paz do que a aquisição do armamento mais sofisticado.

Deixando de lado o fato de que os exércitos estão constantemente se modernizando e o armamento antigo é vendido para países menos ricos. Muitas vezes, essas armas costumam ir parar nas mãos de pessoas que você certamente não quer

que estejam nas mãos delas. E quando elas fazem as coisas mais terríveis com essas armas, o país que as possuía é parcialmente responsável. Mais um motivo para o desarmamento. Por fim, também gostaríamos de apresentar o seguinte argumento. As armas servem para eliminar o inimigo matando seu corpo. Entretanto, você não mata a consciência. Do ponto de vista da reencarnação e do karma, ao matar a outra pessoa, você fortalece o vínculo negativo com ela, de modo que na próxima vida se enfrentem como inimigos ainda maiores.

Como podemos alcançar a paz?

A grande questão, é claro, é: quem será o primeiro a desmontar seu exército? Quem é corajoso o suficiente para viver desarmado?

É aconselhável pensar sobre isso com cuidado para não tomar decisões precipitadas. A mudança, para ser sustentável, deve começar na mente. Portanto, liberte seu pensamento de todas as imagens inimigas. Desfaça o 'exército de ataque' em sua própria consciência. Tudo começa com um ideal, uma imagem de um mundo pacífico. Veja o outro como um ser humano semelhante, capaz de realizar ações nobres, assim como você. Tente ver que o outro é um ser pensante dotado de razão e consciência tanto quanto você. Veja-o como um irmão. Se você descartar as armas, mas continuar a pensar em inimizade, a insegurança e a falta de segurança permanecerão.

O ensinamento teosófico sobre a unidade essencial de todas as coisas contribui enormemente para o desenvolvimento de tal concepção. Precisamos aprender a ver que a fraternidade universal não é apenas um sentimento bonito, mas uma realidade. Toda a vida vem da mesma Fonte. Você pode expandir constantemente sua imagem da comunidade da qual faz parte: sua aldeia, país, continente e assim por diante. Afinal de contas, os países juntos também formam uma comunidade cujos membros compartilham as mesmas necessidades básicas. Essa ideia fundamental ajuda a estabelecer um alicerce para relações internacionais pacíficas.

O trabalho pela paz é um processo longo e gradual. Mas ele precisa ser iniciado em algum momento. Deve haver alguém que dê o primeiro passo, dê um bom exemplo e convide o outro a deixar de lado a inimizade e as armas.

Costa Rica como exemplo

Um país sem um exército é uma utopia? Certamente que não. Existem 23 países sem exército. É verdade que a maioria deles são pequenos estados, como Mônaco e

Liechtenstein, ou são estados insulares que efetivamente não têm vizinhos.

No entanto, mesmo o país relativamente grande da Costa Rica não tem um exército há mais de 70 anos. Esse país da América Central até incluiu em sua constituição que não possui um exército por razões de princípio.

Em 1948, houve uma guerra civil na Costa Rica devido a um resultado eleitoral contestado. José Figueres Ferrer, um político inicialmente exilado, após retornar à Costa Rica, formou um exército com o qual venceu a batalha. Ele elaborou uma nova constituição, que incluía o fato de que o país não deveria ter um exército. Como suas políticas se baseavam em fortes valores democráticos – por exemplo, as mulheres e as pessoas de cor receberam o direito de votar, o que era muito incomum na época – e ele também adotou políticas sociais, suas políticas encontraram apoio popular. Os militares foram treinados novamente como policiais. O país de seis milhões de habitantes tem agora uma força policial de 7.500 pessoas. Figueres renunciou após 18 meses, embora tenha sido eleito presidente mais duas vezes.

Enquanto isso, a Costa Rica é um dos países mais estáveis da região. Ao contrário dos vizinhos da Costa Rica, como Nicarágua e El Salvador, por exemplo, o país sempre esteve imune à guerra. Após a Segunda Guerra Mundial, a Costa Rica iniciou e concluiu propositalmente pactos de cooperação e paz na América Central, incluindo o *Pacto de Amizade* com a Nicarágua em 1949 e o *Acordo de Paz de Esquipulas*, uma iniciativa na década de 1980 para resolver os conflitos militares que assolavam a América Central há anos.⁽³⁾

Em vez de gastar dinheiro em armas, Costa Rica gasta em educação para todos, incluindo a internacionalmente renomada Universidade da Paz, que treina estudantes internacionais. A universidade desenvolve projetos de educação para a paz, ecologia, direitos humanos e resolução de conflitos de todos os tipos.⁽⁴⁾

Infelizmente, nem toda a violência desapareceu. Uma importante rota de contrabando de drogas atravessa o país, que a polícia às vezes reprime com violência. No entanto, a Costa Rica prova que é possível construir uma sociedade próspera sem um exército.

A alternativa da não violência

Na história da humanidade, muitos foram os que clamaram pela não-violência. Mestres mundiais como Buddha e Jesus proclamaram a doutrina de nunca resistir ao mal com o mal. Ásoka, o rei budista do terceiro século antes de nossa era, defendia a negociação e não a violência para resolver problemas. Mais recentemente, conhecemos pessoas

como Tolstói, Mahatma Gandhi e Martin Luther King Jr., que buscaram alcançar seu ideal pelo caminho da não violência. Todos eles eram pessoas sensatas.

Seria bom se a obediência de um exército fosse questionada e outras formas de manter ou alcançar a paz fossem consideradas. Poderíamos treinar novamente os soldados de todos os países como policiais para garantir a paz e a ordem em seus próprios países. Esse corpo teria uma função de serviço, como os vigias em *A República* de Platão. Além da segurança doméstica, os oficiais poderiam ajudar em todos os tipos de assuntos públicos e desastres. Alguns deles poderiam formar uma ampla unidade policial internacional para proteger as águas. Uma ampla discussão pública sobre segurança nacional e como contribuir para a paz mundial seria altamente desejável. E, ao fazer isso, ousemos ampliar nossa perspectiva para incluir a *comunidade internacional*.⁽⁵⁾

Lao tzu, *Tao Te Ching*, capítulo 57:

Governar uma nação com justiça.
Faça guerra com astúcia.
Torne-se o mestre do universo sem se esforçar.
Como sei que é assim?
Por causa disso!

Quanto mais leis e restrições existirem,
mais pobres as pessoas se tornam.
Quanto mais afiadas forem as armas humanas,
mais problemas no país.
As pessoas são mais engenhosas e inteligentes,
mais coisas estranhas acontecem.
Quanto mais regras e regulamentos,
mais ladrões e assaltantes.

Portanto, o sábio diz:
Eu não tomo nenhuma atitude e as pessoas se reformam.
Eu mantenho a paz e as pessoas se tornam honestas.
Eu não faço nada e as pessoas ficam ricas.
Não desejo nada e as pessoas voltam à vida boa e simples.⁽⁶⁾

Referências

1. Ver: 'A origem e a prevenção da guerra', artigo em 'Cada humano um pacificador', edição de *Lúcifer, o Portador da Luz*, especial da paz 2022, p. 98-104, download: https://blavatskyhouse.org/uploads/files/Lucifer_PT/lucifer-pt-2022-3-4.pdf
2. Ver: <https://www.healthdata.org/news-events/insights-blog/acting-data/gun-violence-united-states-outlier#> e veja também <https://www.commonwealthfund.org/publications/2023/apr/health-costs-gun-violence-how-us-compares-other-countries>.
3. Ver <https://treaties.un.org/doc/Publication/UNTS/Volume201465/volume-1465-I-24844-English.pdf>; e https://en.wikipedia.org/wiki/Esquipulas_Peace_Agreement.
4. Ver: <https://www.upeace.org/>.
5. Para saber mais sobre a não violência: 'Consciência e não-violência, armas da força moral', artigo em 'Cada humano um pacificador', edição de *Lúcifer, o Portador da Luz*, especial da paz 2022, p. 117-126, download: ver ref. 1.
6. Lao Tzu, *Tao Te Ching*, capítulo 57, muitas traduções.

Perguntas que as crianças fazem



Pensamentos-chave

» É nosso dever responder às perguntas das crianças. As perguntas surgem do maravilhamento e à capacidade das crianças para desenvolver as suas potencialidades do pensamento.

» A profundidade das perguntas das crianças representa sinais da re-encarnante do ser humano; a parte imortal onde estão implantadas as lições aprendidas nas vidas passadas.

» Uma resposta geral ou universal deixa espaço para que a criança pense nisso por si própria.

Porque é que a terra gira? Uma pergunta colocada recentemente ao um pai que andava de bicicleta pelo bosque com a sua filha de cinco anos de idade. A pergunta apanhou-o de surpresa e ele não conseguiu responder com exatidão. Talvez nós mesmos já tenhamos experimentado isto, uma criança pequena que, aparentemente distraída, atira com uma pergunta particularmente profunda à qual não sabemos responder de forma correta. Como responder a esta espécie de perguntas, se nós próprios a não conhecemos em profundidade? E como evitaremos o uso de termos técnicos incompreensíveis? É mais fácil do que pensamos.

É importante responder sempre às perguntas das crianças; devemos mesmo dizer-lhes que é nosso dever responder às suas questões. Afinal de contas, as perguntas provêm do maravilhamento e da capacidade das crianças para desenvolver as suas tendências para pensar. E o maravilhamento é um degrau essencial na estrada da sabedoria e por consequência em direção à verdade. Portanto, é da nossa responsabilidade ajudar os ‘colegas jovens’ a lançar-se a começar. Sabemos pelo conhecimento das crianças jovens que elas estão ainda abertas e desinibidas. Elas são puras e vivas, não têm opiniões preconceituosas e é, portanto, mais fácil dar-lhes respostas que não estão apoiadas em fatos. Perguntas que tratam da essência das coisas. A partir de uma certa idade, as crianças começam a tentar compreender o mundo que as rodeia. Elas admiram-se de toda a espécie de coisas. Muitos pais reconhecem muito bem essa fase em que seus filhos perguntam *o porquê* de tudo.

Este maravilhamento e questionamento são características extremamente valiosas. Não apenas assumindo algo, mas investigando-o, as crianças aprendem a pensar lógica e independentemente. Platão diz com razão que a *filosofia começa com o maravilhamento*.⁽¹⁾ É aqui quando começa a busca. O maravilhamento estimula a intuição. É desafiante. Ele estimula a busca de respostas.⁽²⁾ Podemos imaginar o que é que acontece quando as suas interrogações são respondidas com ‘*isso é qualquer coisa que não podes ainda compreender*’ ou ‘*eu não sei*’. Sem qualquer sugestão para procurar uma resposta? O maravilhamento requer uma atitude ativa. Ele requer o estímulo da inata curiosidade natural para compreender a vida e requer entusiasmo para, só ou em conjunto, nos aproximarmos da verdade. Quando uma pergunta de criança pequena é descontinuada ou prejudicada precocemente devido à falta de apoio, isso constitui uma grande vergonha.

Acima da nossa consciência diária pensante

As crianças podem tornar-se fascinadas pelo Universo, elas querem saber tudo acerca de temas como a natureza ou acerca da nossa humanidade, de forma abundante. Ocasionalmente, porém, há perguntas que se destacam. As perguntas a que aqui nos referimos têm em comum o fato de excederem o modo comum de pensar e dar origem a pensar. ‘De onde é que eles tiraram estas perguntas?’, você pode ouvir os pais ou avós dizerem, quando confrontados com essa pergunta

A resposta é muito simples: as crianças extraem as perguntas delas próprias. A profundidade das questões que as crianças levantam são uma re-expressão da parte reen-carnante do homem; a parte imortal na qual estão implantadas as lições aprendidas nas vidas passadas. Há qualquer coisa nas crianças, qualquer coisa que elas desenvolveram na vida passada e que está se manifestando outra vez. E isto exige fazer perguntas, porque a criança é curiosa; ela quer continuar a desenvolver-se.

Um aspecto que devemos ter em conta e que nos ajuda a estimular uma criança pelo caminho é a perspectiva (nível de consciência) a partir da qual as crianças fazem perguntas. Isto é com frequência diferente dos adultos. Quando uma criança faz perguntas pode ter-se uma pequena conversa para descobrir exatamente o que ele ou ela quer saber. Trata-se de uma menina de cinco anos de idade que procura uma fórmula física para explicar porque é que a terra gira? Mais adequadamente a resposta deve ser ‘não’. As crianças jovens não estão ainda num nível intelectual. Uma criança perguntou uma vez: ‘porque é que as pessoas discutem?’ A criança deve ter posto esta questão porque ouviu alguma coisa sobre guerra. Mas o contrário é também possível; uma criança formula a pergunta ‘porque é que há guerra?’ Porque os seus pais estão desavindos. Numa conversa pode-se descobrir em conjunto que os seres humanos têm uma natureza compósita e que podemos agir a partir ou do seu Self (Eu) superior ou inferior. Descobrir, portanto, o fundo da questão é uma questão muito válida.

Pode uma resposta ser errada?

Mas o que fazer quando realmente não sabemos a resposta ou mesmo pior quando damos uma resposta errada? Não estaremos então a guiar a criança numa direção errada? Podemos também rodear a questão. Há apenas uma resposta certa para uma questão tão profunda? Há apenas um caminho para fazer uma criança começar, dando-lhe dicas para que ela possa pensar por si própria? A resposta

para isto é ‘não’. A resposta que nós damos está sempre relacionada com o nosso próprio desenvolvimento. Quanto mais compreendemos acerca de um assunto, melhor podemos responder a perguntas acerca dele – tanto quanto a profundidade da criança o exige.

Todas as respostas são limitadas e há sempre uma resposta melhor, ainda possivelmente mais estimulante. À medida que nós constatamos claramente que a resposta que nós damos está baseada na nossa própria compreensão (‘segundo a minha opinião...’) e não devia ser tomada como um fato estabelecido, podemos responder assim. Podemos reter na mente que uma resposta geral e universal deixa o espaço todo para a criança pensar nisso por si própria.

Primeira ajuda para perguntas difíceis

Segundo Gottfried de Purucker, o quarto ‘líder’ da Sociedade Teosófica de Point Loma, as perguntas das crianças que contêm sabedoria também exigem uma resposta sábia que os deixa maravilhados. Mas como dar uma resposta sábia? Como estimular a capacidade evolutiva de cada um para pensar ou inspirar uma criança para posteriormente investigar alguma coisa?

No seu livro *Perguntas que todos nós fazemos*⁽³⁾, De Purucker descreve como podemos responder às por vezes perguntas profundas colocadas pelas crianças. Também em *Lúcifer* já abordámos antes este tema, designadamente no artigo ‘Perguntas que as crianças fazem... e como responder, segundo Gottfried de Purucker’⁽⁴⁾, por Bouke van den Noort. De Purucker dá-nos um conjunto de ferramentas para manter o ritmo da pergunta e o processo do despertar progressivo. Na ‘caixa’ abaixo indicamos as sugestões mais importantes.

A resposta final

Incapaz de responder à pergunta da sua filha, ‘*porque é que a Terra gira*’ de imediato, o pai da menina respondeu que ia procurar e depois regressaria.

A sua busca começou na Internet. Depressa chegou aos vídeos do You Tube, com os físicos atribuindo à inércia ocasionada por pedaços de rocha que se juntaram no início da gênese da terra e do nosso sistema solar. Apesar do fato de estas teorias poderem não terem sido verificadas, a questão de saber porque é que esse movimento começou então simplesmente permaneceu. Sabemos, pelos fundamentos da Teosofia, que há uma força atuando por trás da matéria. O fato de a Terra girar em torno do seu próprio eixo não é uma causa, mas sim uma consequência de uma força interligada. A sua busca continuou, mas não o conduziu a uma resposta

satisfatória. A pergunta da sua filha apelou a uma abordagem diferente focada na essência. Depois de ler as sugestões de Gottfried de Purucker em *Perguntas que todos nós fazemos*, a resposta do pai foi, portanto, ‘*todo o ser vivo se move e a Terra move-se porque ela também é um ser vivo*’. Para ele foi estranho dar esta resposta, mas pareceu suficiente nessa altura. A criança ficou satisfeita com a resposta.

A pergunta é uma resposta em progresso

Alguns dias mais tarde, a menina estava no recreio com a sua mãe. Ela estava num carrossel e a mãe disse à sua filha para se segurar com firmeza de contrário poderia ser projetada para fora do equipamento.

No caminho para casa, a menina perguntou:

“Mãe, a Terra gira, não é?”

“Exatamente”, respondeu a mãe.

“Então porque é que não caio?”

A mãe ficou em silêncio por um momento, ponderando a resposta. A rapariga continuou:

“No recreio disseste-me que me segurasse, de contrário eu poderia ser projetada do carrossel. Bem, a Terra gira também e eu não estou segura nela. Porque é que não sou projetada?”

Ao princípio a mãe queria começar a explicar a gravidade. Mas lembrou-se então das ‘dicas’ de Gottfried de Purucker e replicou: “Tu não caís porque pertences à Terra. Tal como nós pertencemos uma à outra”.

O que é que você perguntaria?

As perguntas das crianças continuarão a chegar. Trata-se de uma prenda, faz-nos pensar que isso nos permite expandir a nossa consciência. Nós somos desafiados para deitar outra vez uma olhadela para ideias fixas e por isso devíamos agradecer às nossas crianças.

O assunto da *rotação da Terra* não foi retomado outra vez entre a menina de 5 anos e os seus pais. O tópico no qual ela agora está focada é: “Porque é que a Terra está quente por dentro?” Somos desafiados. Qual seria a nossa resposta para a garota? Gostaríamos de ouvir.

Em aditamento, estamos curiosos sobre suas experiências. Que perguntas nos vão fazer as crianças que nos rodeiam? Que vamos responder-lhes? Como é que isso corre? Gostaríamos de receber essas histórias. Gostaríamos de voltar regularmente a este tema, em *Lúcifer*. Pode-se enviar estas experiências para lucifer.red@stichtingisis.org e publicaremos (uma parte) dessas perguntas e respostas enviadas. A sua resposta pode levantar outra vez grandes questões.

Uma pergunta intuitiva merece uma resposta intuitiva

Não dê uma resposta completamente arredondada. Uma sugestão breve é com frequência suficiente para satisfazer a criança naquele momento. Pode confiar que, se não for assim, se seguirão naturalmente perguntas. Dê à criança espaço para que ele ou ela, por si própria, possa pensar. À pergunta: ‘Donde é que nós vimos?’, Gottfried de Purucker deu a resposta sucinta: ‘Da vida passada’ e nada mais.

Responda com toda a simplicidade. Uma pergunta intuitiva precisa de uma resposta intuitiva. As perguntas das nossas crianças tocam-nos porque tratam de temas essenciais da vida. A nossa resposta deveria ser limitada ao essencial e portanto ela não deve ser sempre académica ou intelectual. Quando uma criança pergunta: “Mãe, já tens 47 anos e eu tenho 5, vais morrer mais cedo?”, a resposta: “Penso que sim, porque eu já vivi muito tempo, e eu ficarei cansada mais cedo do que tu. Assim, vou descansar mais cedo do que tu. Porque quando tu estás cansada tens que descansar. Mas eu agora não estou muito cansada”.

Respondamos sempre. Se realmente não sabemos uma resposta, podemos dar uma analogia sob a forma de um conto de fadas ou de um mito ou sugerindo procurar uma resposta em conjunto. Uma outra opção é fazer uma contra pergunta. Por exemplo: “O que é que tu próprio pensas sobre disso?” Um exercício divertido para estimular o maravilhamento em conjunto com o seu filho consiste em ler contos de fadas e perguntar uns aos outros questões sobre deles que não sejam facilmente respondidas com um ‘sim’ ou com um ‘não’. Por exemplo: “Porque é que ficas perturbado quando mentes?” (Pinóquio).

Referências

1. Platão, *Teeteto*, pág. 155d, (paginação universal de Platão).
2. O maravilhamento como ponto de partida da Filosofia é elaborado no Simpósio *Practical spirituality. Beyond matter, in society*. [*Espiritualidade Prática. Além da matéria, em sociedade*], 25-26 de Maio 2013, Haia. Número especial de *Lucifer, the Lightbringer*, Março de 2014, nº 1. <https://blavatskyhouse.org/uploads/files/LuciferEN/lucifer-en-2014-1.pdf>
3. G.de Purucker, *Questions we all ask* [*Perguntas que todos nós fazemos*], Duas séries. Point Loma, Califórnia, Editora Universitária Teosófica, 1929, 1930. Texto da 1ª edição: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/questions-we-all-ask-series-1-2/>.
4. Bouke van den Noort, *Questions children ask... and how to answer according to Gottfried de Purucker* [*Perguntas que as crianças fazem... e como responder segundo Gottfried de Purucker*]. Artigo em *Lucifer, the Lightbringer*, Junho de 2017, nº 2, p. 27-29. On line: https://blavatskyhouse.org/uploads/files/Lucifer_EN/lucifer-en-2017-2.pdf.

Quinhentas vezes por dia?

O Profeta Maomé nasceu na Península Arábica em 570, na cidade, de Meca depois tornada a principal cidade sagrada do Islão, e faleceu em 632, em Medina, depois também tornada sagrada. Um belo dia, numa montanha perto de Meca, Maomé teve uma visão sobrenatural e passou a receber, durante anos, por intermédio do anjo Gabriel, a mensagem que depois seria difundida por toda a Península Arábica e, mais tarde, pelo Médio Oriente, Norte de África e mais tarde ainda por todo o mundo – o Islão – sob a forma de um texto sagrado conhecido pelo Corão. De início não foi fácil. Resistências, perseguições, tentativas de assassinato, enfrentamentos, mas finalmente a mensagem pegou e espalhou-se.

Maomé era caravaneiro e comerciante. Ora um belo dia um homem piedoso, ele também comerciante, abordou o Profeta e perguntou-lhe: “Maomé, quantas vezes é que devemos rezar por dia?” O Profeta olhou para ele, de alto a baixo, com o seu olhar penetrante e, após alguns minutos de silêncio, respondeu: “500 vezes!” O homem olhou espantado para ele e respondeu: “Mas isso é impossível! Temos de cuidar dos filhos e educá-los, atender às necessidades diárias, comprar mercadoria e vendê-la, dormir e descansar, tomar as refeições, etc. Não temos tempo para tal!” O Profeta olhou de novo para ele com o seu olhar de águia, reconsiderou e, após alguns minutos, disse: “Então 50 vezes por dia”; voltou o homem à carga e repetiu mais ou menos os mesmos argumentos; que tinha de educar os filhos, trabalhar, tratar dos camelos, descansar das fadigas caravaneiras, etc. O Profeta olhou de novo para ele, pensou alguns momentos e, por fim, disse: “Então 5 vezes por dia”; o homem achou sensato, as orações eram curtas, não impedia a sua vida e sempre invocava Alá cinco vezes ao dia,

Esta história pertencente à tradição parece uma brincadeira de crianças, mas não é. Na verdade, é um ensinamento muito profundo e uma mensagem universal para toda a Humanidade. Compreendê-la é que é o problema.



Quando o profeta fala em fazer oração 500 vezes por dia, ele está falando, não num ritual a observar 500 vezes. Ele refere-se a que o crente deve atingir um estado de elevação espiritual que lhe permita uma espécie de estado permanente “de graça”, uma disponibilidade permanente para ajudar o próximo, uma reverência permanente para com todos os seres, um estado de encantamento e epifania pela existência, uma atitude de gratidão para com tudo e todos, aceitando tudo o que vier como uma dádiva celestial. Ele está a falar de um estado sublime a atingir, que transforma todos os minutos num estado de oração permanente, mesmo no meio das tarefas e na sua execução, quer a educar os filhos, quer a conduzir os camelos, quer a vender os seus produtos. Pode corresponder à condição budista de estar ‘atento’, ou seja, de estar num estado de ‘atenção plena’ 24 horas por dia, mesmo durante o sono. Ou pode corresponder àquele estado a que se refere Paulo, na *Epístola aos Gálatas*, 2,20 “... não sou eu já que vivo, mas Cristo é que vive em mim”.

O Profeta sabia do que estava a falar e, como todos os profetas, falava em linguagem figurada, simbólica, parabólica. Quem tem ouvidos para ouvir, que oiça, como dizia o outro.



Quais são as consequências do cultivo de carne?

Pensamentos-chave

» É possível cultivar células de carne por meio do cultivo de células-tronco de animais em um biorreator.

» A produção em larga escala de carne cultivada requer apenas alguns animais; no entanto, são necessárias grandes quantidades de meio de crescimento rico em nutrientes.

» Se você quiser entender as consequências desse processo, só terá um quadro completo se tiver uma visão da consciência e da reencarnação.

» A humanidade não precisa de carne cultivada.

» Os desenvolvimentos nesse campo estão ocorrendo muito rapidamente: todos os motivos para ficarmos atentos a eles.

Em vários países, as empresas estão fazendo experimentos com carne cultivada. Os desenvolvimentos nesse campo estão ocorrendo muito rapidamente. Mais uma razão para examinar isso com insights teosóficos: o que você está fazendo e que consequências esse processo tem tanto para os animais quanto para os seres humanos?

O que é carne cultivada?

A carne cultivada é aquela produzida a partir de células-tronco de animais adultos, em um biorreator, que é um recipiente de laboratório que fornece um ambiente estável para o crescimento de células. A carne cultivada também é conhecida como carne de laboratório, baseada em células, cultivada em laboratório ou in vitro.

Como se tenta cultivar carne?

A produção de carne a partir de células separadas ainda está em fase experimental, especialmente no que diz respeito ao 'aumento de escala'. Diversas variantes estão sendo testadas, mas o esboço geral do processo é:⁽¹⁾

1. Você extrai, por biópsia, algumas células-tronco do tecido muscular ou adiposo de um animal adulto, por exemplo, uma vaca. A propósito, não confunda esse tipo de células-tronco 'adultas' com células-tronco 'embrionárias'. As células-tronco embrionárias são universais: podem se transformar em qualquer tipo de tecido. As

células-tronco *musculares* são mais limitadas em suas possibilidades.

2. Você purifica essas células-tronco e as coloca em um meio de crescimento adequado, meio de cultura (líquido que contém substâncias de crescimento). Além disso, você induz essas células a começar a se multiplicar. Você permite que elas se dividam dezenas de vezes – o que elas nunca fariam em uma situação comum, nos tecidos de uma vaca.

3. Depois de ter células-tronco suficientes, você adiciona certas substâncias sinalizadoras que fazem com que as células-tronco se transformem em mini fibras musculares.

4. Para transformar essas mini fibras musculares soltas e flutuantes em verdadeiras camadas de carne, as fibras precisam se unir umas às outras. Isso pode ser feito com a adição de moldes (matrizes de andaimes) e células de tecido conjuntivo.

Se você agora cultivar camadas de células de gordura usando o mesmo método, poderá posteriormente fazer

uma mistura de carne e gordura para imitar o sabor e a textura da carne comum.

Portanto, a partir das células-tronco de uma vaca, teoricamente, é possível cultivar uma grande quantidade de carne. Neste artigo, usamos a cultura de células-tronco de vaca como exemplo. Mas também há muitos experimentos realizados em todo o mundo para cultivar carne de ovelha, de cabra, de peixe e até mesmo de couro.

Os benefícios estimados da carne cultivada

Quais são as (possíveis) vantagens e desvantagens da carne cultivada, conforme conhecidas ou suspeitadas atualmente? Começamos mencionando algumas vantagens. Elas são facilmente encontradas em sites sobre carne de cultivada, especialmente aqueles que promovem a carne de cultivada.⁽²⁾

Nenhum animal é abatido na produção de carne de cultivada. Se mudássemos para a carne de cultura em todo o mundo, precisaríamos manter muito menos animais. O sofrimento dos animais será bastante reduzido em comparação com o atual. Uma pequena população de animais também reduziria o risco de doenças epidêmicas nos animais, como a gripe aviária e a febre Q, e o risco de essas doenças se espalharem para os seres humanos. Além disso, a carne cultivada parece ser menos prejudicial ao meio ambiente em vários aspectos: menos gases de efeito estufa são produzidos (por exemplo, menos emissões de metano do gado) e requer menos água, energia, pesticidas e antibióticos. E a necessidade de espaço pode ser menor, mas isso depende muito do meio de crescimento escolhido. Essa última seleção, qual meio de crescimento usar, é muito importante, como mostraremos nos parágrafos abaixo.

As desvantagens do soro animal como meio de crescimento

Até recentemente, os pesquisadores geralmente escolhiam um meio de crescimento animal – chamado de ‘soro’ – quando queriam cultivar células no laboratório. Isso era conveniente porque esse soro continha todos os tipos de substâncias necessárias para manter as células vivas e funcionando por um longo período de tempo. Eles geralmente escolhiam o *soro bovino* fetal (FBS). Esse soro é produzido a partir do sangue de bezerros não nascidos. Esses são fetos de vacas prenhes que são abatidas: vacas que vão para o matadouro enquanto estão grávidas. O sangue é retirado do coração do feto enquanto ele ainda está vivo (a vaca mãe já foi morta).⁽³⁾ Portanto, podemos colocar um grande ponto de interrogação sobre a propriedade ética do método. Esse soro também tem outras

desvantagens importantes. Portanto, vários grupos de pesquisa estão procurando intensamente meios de crescimento alternativos e sem soro. Esse trabalho ainda está em andamento, portanto, não podemos dizer ainda se as alternativas pesquisadas serão adequadas.

Uma dificuldade especial se apresenta quando começamos a ‘*aumentar a escala*’ da produção de carne cultivada. Nesse caso, precisamos de muito meio de crescimento com alta concentração de nutrientes (como aminoácidos e glicose). De onde obteremos essas enormes quantidades de nutrientes para servir de alimento para as células-tronco em crescimento?⁽⁴⁾ Cada uma das várias fontes possíveis de nutrientes levanta questões. Explicaremos isso mencionando três possibilidades.

Propriedades de meios de crescimento alternativos

Os nutrientes podem ser extraídos dos chamados ‘fluxos residuais’ do atual setor de ração animal. Esse fluxo residual é relativamente barato. No entanto, parece extremamente inconsistente projetar uma técnica que supostamente nos tornaria menos dependentes do setor pecuário e projetar o processo de forma que, na verdade, você se torne dependente desse mesmo setor de grande escala (ou seja, o setor de forragem). Outra fonte de nutrientes que está sendo considerada é o cultivo de algas, cianobactérias, leveduras ou plantas que são induzidas por *intervenção genética* para produzir nutrientes ou fatores de crescimento. Essas técnicas já são comumente usadas. Você pode então extrair essas substâncias desses organismos para criar um meio de crescimento para a carne cultivada. Mas quais são as consequências dessas intervenções no DNA? Discutimos essa questão extensivamente em artigos holandeses anteriores em nossa revista *Lúcifer*.⁽⁵⁾ Agora mencionaremos apenas um ponto, a saber, que forçamos esses organismos a se desenvolverem de uma forma muito unilateral e especializada. Estamos transformando-os em ‘superespecialistas’, em vez de dar a esses seres a oportunidade de seguir seu próprio caminho de crescimento interior, trazendo à tona *todos* os seus potenciais de forma equilibrada. Então, que problemas esses seres encontrarão no futuro, quando reencarnarem e trouxerem consigo suas experiências unilaterais?

Uma terceira possibilidade é: você obtém todos esses nutrientes de plantas ‘normalmente’ cultivadas e não modificadas geneticamente. Mas isso significa que a produção de carne cultivada ainda requer grandes áreas de agricultura e muita água. E talvez também, dependendo da cultura, esterco e pesticidas. Isso anula uma parte considerável dos

esperados benefícios ambientais da carne de cultura. Resumindo: muito ainda é incerto no campo do uso em larga escala de meios de crescimento. Até o momento, não parece haver uma ‘solução de ouro’ técnica. Esse não é um dos casos em que nós, seres humanos, ao tentarmos resolver um conjunto de problemas, recorremos a técnicas que, por sua vez, levantam um novo conjunto de problemas, às vezes mais difíceis do que os primeiros? Uma coisa é certa: devemos continuar observando os rápidos desenvolvimentos nesse campo com grande atenção nos próximos anos.

Por que gostaríamos de cultivar células de carne?

Uma questão essencial levantada pela carne cultivada é: por que deveríamos nos envolver com essa técnica? Que necessidade fundamental ela atende? Afinal de contas, podemos viver muito bem e funcionar de forma significativa como seres humanos sem comer carne. E se considerarmos as muitas desvantagens da pecuária em larga escala para os seres humanos e os animais, a paisagem, o meio ambiente e o clima – fatos que agora são de conhecimento geral – por que não resolver o problema em sua essência, comendo menos ou nenhuma carne?⁽⁶⁾

A carne não é uma necessidade na vida. Muitas pessoas a adoram porque são pessoalmente apegadas a ela: ao seu sabor, à sua imagem, à tradição ou a algum outro tipo de apego. O desenvolvimento da carne cultivada mantém esse hábito. Ele ainda normaliza o consumo de carne. Ao analisar o consumo de carne de uma perspectiva mais ampla, podemos ver facilmente todas as desvantagens para os animais, os seres humanos e o meio ambiente. Aqueles que mantiverem essa visão mais ampla em mente serão capazes de criar outros hábitos a partir de suas próprias percepções e motivação moral. A Teosofia nos dá uma base profunda para essa visão mais ampla, como mostraremos a seguir.

O que a Teosofia acrescenta a esse quadro?

A descrição do processo e as vantagens e desvantagens *potenciais* apresentadas acima são baseadas no conhecimento científico e técnico atual. Essa descrição não leva em conta um fato ensinado em todas as principais filosofias religiosas do passado, ou seja, que os processos no mundo exterior são causados e conduzidos pela consciência. Ou, mais precisamente, pela consciências, por inúmeros seres que podem diferir enormemente entre si em termos de desenvolvimento e capacidades.

Uma vaca não é meramente um corpo, mas é uma consciência animal que se incorporou em um instrumento

apropriado, a saber, o corpo da vaca que percebemos. Um ser humano é uma consciência humana, envolvida em um corpo para *ele* apropriado. E todos esses corpos são colaborações de inúmeros seres primitivos e pouco desenvolvidos: seres de órgãos, seres de células, seres atômicos e assim por diante. Esses, em sua generalidade, são chamados de ‘átomos de vida’ na Teosofia. Toda consciência que incorpora a si mesma atrai um conjunto particular de átomos de vida, que corresponde ao seu próprio caráter.⁽⁷⁾

Considere também que há reencarnação em todos os reinos da natureza. Todos os seres são eternos em seu âmago, encarnando sempre de novo. Cada ser nasce, adquire experiências valiosas durante sua vida exterior, morre após um curto ou longo período de tempo e, após um período de descanso, retorna aos reinos exteriores para nascer novamente. E suas experiências em cada encarnação normalmente permitem que o ser dê um passo adiante em seu crescimento interior.

Do ponto de vista da Sabedoria Antiga, a carne cultivada levanta muitas questões. Afinal de contas, quando falamos de carne cultivada, estamos falando de seres vivos. A carne cultivada atrai incontáveis *seres*, para os quais essa é uma oportunidade de se incorporar. Nós manipulamos seres para realizar um de nossos desejos. E quais são as consequências que evocamos com isso? Quais são as consequências da carne cultivada para os animais e para os seres humanos, e para esses seres órgãos, seres células e seres atômicos?

Todos entendem a importância de prever antecipadamente as consequências que provocamos com novas técnicas. Somente assim poderemos direcionar essas técnicas em um sentido útil desde o início, quando ainda é relativamente fácil fazer isso. Abordaremos três questões nos próximos parágrafos: (a) a carne de um biorreator tem um caráter diferente da carne de um animal abatido? (b) o que fazemos quando cultivamos células fora da esfera protetora do ser ao qual elas pertencem? e (c) quais podem ser as consequências de longo prazo para humanos e animais?

Essas três perguntas certamente não constituem uma lista completa. Mas, com sorte, elas nos darão alguns pontos de partida para pesquisas adicionais, para a construção de nossa própria visão, o que mais tarde nos permitirá tomar decisões bem ponderadas em relação ao nosso uso de carne cultivada.

A carne de um biorreator tem um caráter diferente da carne de um animal abatido?

A carne cultivada consiste em células animais e, portanto, tem o *mesmo caráter* da ‘carne comum’. Entretanto, a carne

cultivada difere substancialmente dos chamados ‘substitutos de carne’, que são feitos de fontes vegetais.

O que fazemos quando comemos? Nós nos alimentamos dos materiais de construção e das energias (os átomos de vida) dos corpos de outros seres. Esses seres podem ser animais ou vegetais. Em ambos os casos, karmicamente, você se conecta com os seres cujos corpos você consome. Isso é lógico, pois você os influencia. Nossa influência humana pode ser grande ou pequena. Veja a carne de vaca, por exemplo. Como consumidor, você sabe que a vaca viveu em determinadas condições – mais ou menos favoráveis aos animais – e que ela é abatida quando ainda é relativamente jovem, com apenas alguns anos de idade. A propósito, no setor de bioindústria os touros raramente vivem além de seis meses, depois de uma vida infeliz. Essas são intervenções que causam sofrimento e também têm um efeito inibidor na evolução interna dos animais envolvidos. Portanto, ao comer carne de vaca, você se conecta com esses seres de uma forma discordante. Você constrói uma relação kármica com eles, cujas consequências, mais cedo ou mais tarde, terão de ser harmonizadas.

Uma segunda razão pela qual você se conecta com esses seres ao comer seus corpos é que os seres celulares e moleculares de uma vaca tornam-se temporariamente parte de nosso corpo humano. Há uma influência mútua. A carne tem um efeito animalizante em nossa constituição, que depende em parte de nossa suscetibilidade individual a ela. A carne cultivada tem uma característica animal, uma vibração animal também. Comer plantas tem uma influência menos degradante, porque a diferença evolutiva em relação a nós, humanos, é maior. A consciência vegetal é consideravelmente menos vital e tem menos a característica do desejo do que a consciência animal e a consciência humana média. Há menos similaridade. Portanto, sua influência é menor. Além disso, muitas plantas, como os grãos, são colhidas aproximadamente no momento em que morreriam naturalmente.

O que fazemos quando cultivamos células fora da esfera de proteção do ser ao qual elas pertencem?

Para considerar essa segunda questão, é útil tocar em outra parte da Teosofia. Como dito acima, todo ser encarnado inicia uma colaboração com um grande grupo de outros seres. Ele atrai seres menos avançados, que formam seu corpo. Esse grupo consiste em parte de sua ‘equipe regular’ de átomos de vida: seres que também formaram seu corpo em suas vidas anteriores e com os quais ele, portanto, tem um vínculo de longo prazo, através de várias vidas.

Esses seres inferiores são atraídos pelo *campo de força* que emana da consciência orientadora. Dentro desse campo, dessa esfera de vida, eles encontram seu próprio lugar, assumindo seu papel no funcionamento do corpo. Dentro dessa esfera, eles encontram as circunstâncias certas para evoluir e dar passos internos para frente.⁽⁸⁾ Essas ‘circunstâncias certas’ consistem na influência ‘direcionadora, protetora e purificadora’ do campo de força do ser líder.

Agora, quais são as consequências para os seres celulares que são atraídos pela carne cultivada, incorporando e reproduzindo, assim, ‘fora’ da esfera de influência da ‘consciência-mestre’ animal à qual pertencem originalmente? Portanto, fora da atmosfera orientadora, protetora e purificadora de uma consciência específica de vaca? É bom refletir mais sobre isso. Apenas mencionamos algumas direções em que podemos pensar. Esses seres celulares são mais suscetíveis a influências externas específicas quando são cultivados em biorreatores? Esses seres celulares constroem algum tipo de relacionamento kármico com as pessoas que trabalham no setor de carne cultivada e com os consumidores? E como esse vínculo se manifestará no futuro?

Quais podem ser as consequências de longo prazo para os seres humanos e animais?

Essa terceira pergunta decorre parcialmente da segunda pergunta. Os seres celulares que são atraídos pela carne cultivada, mais cedo ou mais tarde, renascerão no corpo da consciência animal que foi e é seu ‘mestre’, sua fonte de emanção. Em outras palavras, os seres celulares que pertencem ao corpo de uma determinada vaca e que estão temporariamente ‘presos’ na carne cultivada, mais cedo ou mais tarde reencarnarão novamente no corpo dessa mesma vaca. Será que esses seres celulares se comportam da mesma forma que antes? Eles voltam a se conformar com a orientação do ser animal?

Considere que, no biorreator, esses seres celulares são forçados a fazer coisas que não são normais para eles. Para dar alguns exemplos: as células-tronco adultas precisam se dividir dezenas de vezes para criar carne cultivada; elas nunca fazem isso no músculo de uma vaca. Em seguida: o tecido muscular normal é sempre formado em estreita cooperação com vasos sanguíneos, tecido adiposo, tendões e nervos. Portanto, as células musculares estão acostumadas a trabalhar em conjunto com muitos outros tipos de células. Mas no biorreator isso não acontece; é apenas tecido muscular desorganizado, pelo menos na primeira fase do processo. E mesmo quando combinadas com células de gordura, as células musculares ainda não funcionam

para a locomoção de algum ser.

Esses seres levam essas experiências com eles para suas próximas encarnações como padrões de hábitos acumulados. O que isso significa para seu desenvolvimento futuro? Eles ainda podem nascer no corpo de um animal e cumprir sua função normal? E se puderem, eles se tornarão de alguma forma ‘estranhos’ nesse corpo? Será que eles talvez tenham um *problema de comunicação* com os outros seres celulares e com a consciência animal líder? Será que eles talvez sigam seu próprio caminho (tumores)?

Implicações para humanos

Até agora, escrevemos apenas sobre o destino dos seres de células animais que envolvem as células musculares no vaso do reator. Mas será que a produção de carne cultivada também pode afetar os átomos da vida humana? Certamente que sim.

Eis o que está acontecendo: os átomos de vida que constroem nossos corpos humanos viajam por todos os reinos da natureza de acordo com seu caráter nos períodos em que não estão encarnados em nossos corpos. Alguns de nossos átomos de vida viajarão pelo reino animal.⁽⁹⁾ Assim, eles podem ser atraídos para a carne cultivada e encarnar nela. Depois disso, mais cedo ou mais tarde, eles retornam ao corpo do ser humano que é sua fonte. Portanto, eles podem retornar com padrões habituais não naturais.

Conclusão

Há todos os motivos para prestar muita atenção aos desenvolvimentos que estão ocorrendo em torno da carne cultivada. Talvez os novos problemas evocados sejam mais sutis, mais ocultos e, portanto, mais difíceis de reconhecer e controlar do que os problemas já conhecidos que tentamos evitar com essa técnica. Neste artigo, tentamos explicar que, na carne criada artificialmente, você faz uso de grandes grupos de seres vivos, que você atrai e influencia em uma direção muito específica. E exatamente esses mesmos seres formam os blocos de construção vivos de humanos e animais.

Nós, humanos, somos responsáveis pelo que fazemos a outros seres, mesmo por ignorância. Não seria mais sensato superar nosso apego à ‘carne normal’ e nos concentrarmos em comer muito *menos* ou *nenhuma* carne? E assim, criar uma pecuária amigável aos animais?

Também teremos que ver essas coisas à luz do desenvolvimento de toda a sociedade. Vemos um rápido desenvolvimento técnico em todas as frentes, mas nossa capacidade de prever todas as consequências e de usar essas técnicas

apenas para o bem do todo sempre se mostra tarde demais e inadequada. A esse desenvolvimento, soma-se agora mais uma nova técnica (cultivo de carne): uma técnica que, se dominada, provavelmente poderá ser aplicada também às células-tronco humanas. Talvez possamos criar tecidos humanos de vários tipos. Seremos capazes de evitar essa próxima etapa? Vemos uma linha nesses desenvolvimentos: as técnicas estão gradualmente se aproximando do ponto em que podemos criar *‘formas de vida para nosso próprio benefício’*, para nossos propósitos geralmente muito míopes.

Por que não deveríamos seguir o caminho sábio, concentrando nossas metas científicas na prevenção do sofrimento, atendendo às necessidades da vida, com base na igualdade *fundamental* de todos os seres, qualquer que seja seu nível de evolução? Ainda usaríamos nosso intelecto ao máximo, mas sempre iluminados por nossa crescente compreensão das Leis da Natureza.

Referências

1. Fonte, por exemplo: <https://www.eufic.org/en/food-production/article/lab-grown-meat-how-it-is-made-and-what-are-the-pros-and-cons>; visitado em 6 de maio de 2024.
2. Fontes, por exemplo: <https://www.cnn.com/2022/06/06/health/lab-grown-meat-pros-cons-life-itself-wellness-scn/index.html>; <https://longevity.technology/lifestyle/10-benefits-and-drawbacks-of-lab-grown-meat/>; visitado em 6 de maio de 2024.
3. Fonte: Wikipedia, ‘fetal bovine serum’ (soro fetal bovino); <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/11971757/> visitado em 6 de maio de 2024.
4. Fonte: <https://www.ucdavis.edu/food/news/lab-grown-meat-carbon-footprint-worse-beef#:~:text=The20study20found20that20the,20the20average20for20retail20beef>; visitado em 6 de maio de 2024.
5. B. Voorham, ‘Het gevaar van genetische manipulatie. Een stille revolutie’. (‘O perigo da engenharia genética. Uma revolução silenciosa.’) Artigo em: *Lucifer* (holandês), volume 22, fevereiro de 2000, número 1, p. 14-21.
6. C. Alvaro, ‘A virtue ethical approach to cultured meat’ (Uma abordagem ética da virtude para a carne cultivada). Artigo em: *Nature food*, volume 3, 2022, p. 788-790 (2022). Fonte: <https://www.nature.com/articles/s43016-022-00601-z>; visitado em 6 de maio de 2024.
7. H. Bezemer, ‘Like a stream from its source, how we emanate from our spiritual core’ (Como um riacho de sua fonte, como emanamos de nosso núcleo espiritual). Artigo em: *Lucifer* (inglês), fevereiro de 2013, número 1, p. 15-20. Fonte: https://blavatskyhouse.org/uploads/files/Lucifer_EN/lucifer-en-2013-1.pdf.
8. Consulte a ref. 7.
9. G. de Purucker, *The Esoteric Tradition. Volume II*. Pasadena (EUA), Theosophical University Press, 1973, p. 776.

Desenvolvimentos na sociedade

O que acontece quando você constrói um embrião humano?

Um grupo de pesquisadores criou recentemente algo semelhante a um embrião humano, sem usar óvulos e espermatozoides.⁽¹⁾ Eles fizeram isso reprogramando células-tronco ‘pluripotentes’ – células que têm o potencial de se diferenciar em muitos tipos de células, embora não em todos.

A seguir, descrevemos brevemente o que os cientistas fizeram e qual era a visão deles. Em seguida, mostramos como nossa visão é completamente diferente do ponto de vista espiritual: da ideia fundamental de que a consciência é a força organizadora e orientadora por trás de todas as coisas.

Como os pesquisadores criaram um embrião humano sintético?

Para começar, devemos perceber que cada embrião é cercado por uma camada de células placentárias (uma camada que mais tarde se desenvolve na placenta) e que cada embrião tem um saco vitelino e um saco coriônico (que, como a placenta, desempenham funções durante o crescimento embrionário). Qualquer pessoa que tente criar um embrião sintético deve, portanto, cultivar todos os três tipos de células e, em seguida, permitir que as células ocupem seus devidos lugares.

Os pesquisadores começaram, como mencionado, com células-tronco ‘pluripotentes’. Eles conseguiram reprogramar essas células por meio de determinados procedimentos em células que podem formar *todos* os tipos de tecido, chamadas ‘células-tronco ingênuas’. Essas células foram então tratadas de três maneiras diferentes. Um grupo foi deixado como estava. Essas células se tornaram as verdadeiras células embrionárias. Um grupo recebeu uma mistura de substâncias químicas que as fizeram crescer em células placentárias, e um grupo foi tratado para crescer em células do saco vitelino e do saco coriônico.

O mais surpreendente foi o seguinte: quando os cientistas simplesmente misturaram esses três tipos e observaram o que acontecia, descobriu-se que em um de cada cem casos essa mistura *se organizou* em algo que parecia um embrião comum. Resumindo: as células embrionárias estavam no meio, tinham uma espécie de gema de ovo e eram cercadas pelo tecido placentário. Essa estrutura foi criada sem o uso de um óvulo fertilizado.

Por que isso foi tentado?

Qual foi a utilidade que os cientistas viram em seu experimento? A ideia deles era que, com um embrião sintético, os cientistas podem observar muito mais processos, fazer muito mais experimentos do que com um embrião humano criado naturalmente (para isso existem regras rígidas em todo o mundo, limites éticos rígidos). Porque, segundo o raciocínio deles, esse não é um embrião real.

Um laboratório em Maastricht, na Holanda, já explorou a técnica descoberta: pesquisadores do MUMC+ e do Instituto MERLN estão agora cultivando milhares desses embriões sintéticos (chamados blastoides) em placas de cultura especiais. Seu objetivo é, entre outras coisas, estudar como surgem os gêmeos idênticos.⁽²⁾ Portanto, já deveríamos estar falando de uma aplicação em larga escala de embriões humanos sintéticos.

Mas isso deixa a pergunta bem clara: o que é um embrião construído? Uma pergunta importante, que se torna ainda mais importante quando os cientistas conseguem criar algo que se assemelha muito a um embrião natural e que se comporta cada vez mais como tal.

O que é esse embrião sintético?

O que os cientistas estão realmente fazendo? Para esclarecer melhor essa questão, devemos nos perguntar o que significa o termo ‘auto-organização’.

E aqui nos deparamos com a questão de saber se a hipótese comum entre os cientistas, de que a matéria existe por si só, sem uma origem ou força subjacente, está correta. Em geral, acredita-se que a matéria é inconsciente e obedece a certas ‘leis’ sem objetivo. Portanto, a matéria nunca é direcionada para alcançar nada.

Acreditamos que há muito pouca evidência dessa hipótese na natureza. Vemos ação intencional em toda parte, fases ordenadas de crescimento em toda parte. E quando se trata de desenvolvimento embrionário (de humanos, animais e plantas, entre outros), isso é extremamente evidente.

A ideia básica teosófica é que os seres vivos são a fonte e a força organizadora por trás de todos os fenômenos e, portanto, também por trás de uma célula (há um ser celular trabalhando por trás dela), de um átomo químico (há um ser atômico trabalhando por trás dele) e de um embrião

humano (há uma consciência humana trabalhando por trás dele, que está em processo de reencarnação). Esses são apenas três exemplos: de fato, a consciência, fundamentalmente em todos os lugares, trabalha por trás das formas. Se, nesse experimento, um de cada cem grupos de células ‘se organiza’, isso só pode acontecer *porque uma consciência organizadora está operando por trás dele*. Afinal de contas, essa organização não surge do nada. Se os cientistas percebessem isso, eles reconheceriam a necessidade de consultar as grandes filosofias religiosas e religiões filosóficas para entender mais sobre a consciência, em suma, eles recorreriam à Theosophia, a origem desses sistemas de pensamento. De acordo com a Theosophia, um embrião auto-organizado só pode surgir se um ser orientador tiver se conectado, no fundo, a esse aglomerado de células e, assim, procurar se manifestar, procurar formar um veículo para si mesmo. Portanto, o que os cientistas fazem não está livre de consequências éticas. Eles manipulam determinados grupos de seres. Por meio de suas ações, *os processos cíclicos naturais desses seres são interrompidos e guiados para outra direção*, porque os pesquisadores oferecem a eles uma oportunidade artificial de manifestação. Essa manipulação pode resultar da ignorância dos pesquisadores, mas isso não muda o fato e os danos que eles podem causar.

De que seres estamos falando?

Que tipo de entidades poderiam ser ‘capturadas’ dessa forma? Quanto a isso, não faremos afirmações seguras, em parte porque mais tipos de seres poderiam estar envolvidos e em parte porque não temos a capacidade de distinguir com precisão entre eles.

Entretanto, podemos extrair algumas possibilidades dos princípios teosóficos básicos. As entidades que se conectam com esse aglomerado artificial de células, com seus muitos tipos de limitações, em um ambiente que oferece muito menos possibilidades do que o ambiente natural do útero, presumivelmente serão seres primitivos e pouco desenvolvidos com um grande desejo de se conectar com o mundo externo. Esses podem ser os seres pouco desenvolvidos que habitam os mundos astrais, como os chamados ‘elementais’ e ‘elementares’.⁽³⁾

A ação ética requer: saber quais consequências você causa

Em todos os casos, seja qual for o tipo de ser que atraímos por meio desses experimentos, influenciaremos os processos cíclicos de crescimento pelos quais esses seres passam. Provavelmente, a oportunidade oferecida de manifestação

física reativa seus apegos materiais. Assim, atrasamos seus processos de desapego – que funcionam exatamente para o benefício desses seres.

O que queremos dizer, acima de tudo, é: criar esses embriões sintéticos vai contra os processos naturais de desapego pelos quais alguns seres passam. Portanto, não estamos ajudando os seres em questão ao oferecer esses tipos de oportunidades de manifestação artificial, muito pelo contrário. A esse respeito, podemos aprender muito com a advertência contida na conhecida história do monstro de Frankenstein. Um nascimento artificial forçado pode gerar muito sofrimento, tanto para o ser aprisionado quanto para todas as outras pessoas envolvidas.

Os pesquisadores começaram seus experimentos com base, em parte, na esperança de que mais conhecimento sobre o crescimento embrionário levaria a melhores tratamentos de anormalidades embrionárias. Do ponto de vista teosófico, curar pessoas de forma sustentável requer uma abordagem muito diferente das intervenções externas. Visto a partir da reencarnação, do karma e da influência mental em nossa condição física, podemos resolver doenças a partir de dentro (veja, por exemplo, nossa edição especial sobre ‘Aprendendo com a pandemia’).⁽⁴⁾

E o que gostaríamos de enfatizar ainda mais: há apenas uma maneira de obter uma visão real das causas e dos antecedentes do crescimento embrionário, que é o estudo da Theosophia, incluindo a reencarnação e o karma. A Theosophia é uma filosofia de vida inspiradora e coerente, por meio da qual qualquer problema atual pode ser resolvido. E isso inclui as importantes questões éticas que envolvem a criação de embriões humanos sintéticos.

Referências

1. Veja, por exemplo: <https://wis-wander.weizmann.ac.il/life-sciences/human-embryo-models-grown-stem-cells>.
2. Veja, por exemplo: <https://merlininstitute.com/news-and-events/news/merln-develops-the-first-model-for-monozygotic-twinning>.
3. G. de Purucker, *Occult Glossary*. Londres, Rider & Co., 1933, (primeira edição), verbete ‘Elementals’ e ‘Elementaries’. Fonte: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/occult-glossary/>. Veja também: G. de Purucker, *The Esoteric Tradition* [A Tradição Esotérica]. Volume 2. Point Loma, Califórnia, Theosophical University Press, 1940 (2ª edição), p. 782. Fonte: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/the-esoteric-tradition-vol-1-2/>.
4. Aprendendo com a pandemia. Inspiração para uma sociedade global saudável’. Edição especial de *Lúcifer – o Portador da Luz*, número 1, janeiro 2021. Fonte: https://blavatskyhouse.org/uploads/files/Lucifer_PT/lucifer-pt-2021-1.pdf

Perguntas & respostas

Os Mestres da Sabedoria

Pergunta

Como os Mestres de Sabedoria e Compaixão sabem quem é adequado para ser seu discípulo e quem não é?

Resposta

Essa é uma pergunta muito boa. Os Mestres têm muito mais habilidades do que nós. Eles conseguem discernir nas pessoas se elas estão trabalhando de forma altruísta para o bem-estar dos outros. Um dos Mestres compara sua situação com a de alguém que se senta no alto do pico de uma montanha e vê todas as luzes do vale. E então ele diz: assim que vimos até mesmo a menor luz *Tathāgata* – que é a luz búdica do idealismo impessoal – então é nosso dever acendê-la.

Portanto, é assim que eles reconhecem no ‘mundo das sombras’ seus aliados naturais. E se você persistir no idealismo compassivo por um longo tempo, naturalmente entrará em contato com um Mestre.

O que acontece então? A resposta a essa pergunta é muito simples: testes. É assim que acontece agora e é assim que sempre foi feito no passado, como, por exemplo, ao entrar nas Escolas de Mistério daquela época.

Os Mestres podem descobrir em grande parte qual é o estado e a qualidade interior de uma pessoa. Eles podem nos ler, por assim dizer, como leríamos o jornal. No entanto, eles fazem isso somente com seus discípulos esotéricos,

que deram permissão explícita para isso. Eles nunca fazem isso sem serem solicitados.

Não há problema algum para os Mestres verem os pensamentos que tive nos últimos dias, porque para eles, por assim dizer, isso é apenas uma folha que passa. Mesmo que eles sejam capazes de fazer isso, ainda pode acontecer de discípulos que começam promissores, depois, em circunstâncias difíceis, acabarem tropeçando e sucumbindo eticamente. Por essa razão, qualquer pessoa que queira se tornar um *chela* (discípulo no Caminho da Compaixão) recebe um período probatório, um período de teste de pelo menos sete anos. Nesse período, os Mestres observam como o candidato se comporta durante as provações oferecidas pelas circunstâncias diárias: se ele consegue de fato manter a bandeira da qualidade espiritual e da compaixão. Se ele pratica seus ideais continuamente, a cada hora do dia, a cada dia da semana.

Na época de H.P. Blavatsky, vários de seus colegas de trabalho insistiram em se tornar *chela*, pois queriam entrar em contato com os Mestres. Eles escolheram entrar nesse período de testes, embora a sra. Blavatsky os tenha advertido muito claramente de que, então, você será confrontado rapidamente com todos os aspectos de seu caráter: não apenas os aspectos bons, mas também os menos bons, incluindo muitas tendências e apegos dos quais você mal tinha consciência até então. E que esse confronto consigo mesmo ocorreria nas situações da vida prática. Portanto, esses ‘testes’ não são colocados no caminho do discípulo por outros, não, eles são

os resultados kármicos acelerados evocados pelo próprio discípulo, por sua tentativa obstinada. Em suma, o discípulo está testando a si mesmo.

Infelizmente, como se viu depois, foram poucos os que passaram no teste. Muitos fracassaram e, às vezes, de maneira muito indigna do ponto de vista moral. Possivelmente, eles tinham uma visão muito positiva de si mesmos e, quando os elementos inferiores em si mesmos surgiram com vigor, não tiveram uma resposta adequada.⁽¹⁾

Assim, os Mestres sempre julgam a adequação dos aprendizes por meio de um período de teste durante o qual o aprendiz deve se provar na prática. Antes desse período, seria irresponsável dar a alguém um conhecimento mais profundo; conhecimento que poderia ser mal utilizado, com consequências muito infelizes para a humanidade e para a pessoa em questão.

A esse respeito, vale a pena citar que, na época de H.P. Blavatsky, houve uma discussão entre A.P. Sinnett, A.O. Hume e os Mestres. Sinnett e Hume defendiam o estabelecimento de uma espécie de ‘escola de ocultismo’, na qual todos poderiam ser apresentados ao que poderia ser chamado de ‘magia prática com forças astrais’. Em resumo: uma escola na qual as coisas que você aprendesse pudessem ser usadas para manipular, influenciar as coisas e os semelhantes. Ao que os Mestres disseram: nosso mestre, o Mahā-Chohan, não pensaria nisso. Pois, disse ele, enquanto houver o menor grau de desejo de benefício próprio entre essas pessoas, as consequências serão desastrosas. A qualidade das pessoas com quem

trabalhamos agora certamente não permite isso. Resumindo: todo candidato deve primeiro ser testado e julgado quanto à sua pura abnegação – por ele mesmo.

A necessidade de proteger a humanidade do uso indevido do conhecimento foi, no passado, a razão para o estabelecimento das Escolas de Mistério, que exigiam todos os tipos de condições severas para o ingresso. Por fim, todas essas Escolas de Mistério externas, como as de Eleusis e Samotrácia, na Grécia, tiveram de ser fechadas, porque se descobriu que os discípulos não aderiam mais à disciplina interna. Mas a colaboração dos Mestres – a Loja de Sabedoria e Compaixão – com suas ramificações mundiais, com seus Mestres e discípulos, ainda existe, sempre existirá e trabalha continuamente (muitas vezes escondida da pessoa comum) para toda a humanidade.

Referência

1. H.P. Blavatsky, Chelas and lay chelas' ('Chelas e chelas leigos'). Artigo em: H.P. Blavatsky, *Collected Writings* [Escritos compilados]. Volume IV. Wheaton Illinois, The Theosophical Publishing House, 1981, p. 606-614.

Pergunta

Como ocorre a comunicação remota entre o Mestre e o discípulo? E como você sabe se está realmente lidando com um verdadeiro Professor ou com outra pessoa?

Resposta

Em nossa época, quase todo mundo tem um telefone celular: basta discar um número e a pessoa desejada estará na linha. O método dos Mestres se baseia em um princípio semelhante. No plano mental, os Mestres fazem contato com seus discípulos sintonizando propositalmente os pensamentos que desejam transmitir com o caráter da mente dos alunos.

A comunicação entre o Professor e o aluno está sempre funcionando perfeitamente? Não, pode haver 'ruído na linha'. O discípulo também pode receber influências de pessoas que não sejam os Mestres e precisa aprender a discerni-las.

Quando A.P. Sinnett, autor das *Cartas dos Mahatmas*, entendeu que também poderia receber documentos (uma carta, por exemplo) de pessoas que fingiam ser Mestres, mas não eram, ele apresentou esse problema ao Mestre. O Mestre então concordou com ele em fazer isso: Se estivermos cientes de que isso está acontecendo e pudermos realmente fazer algo a respeito, então nos certificaremos de que nesse documento específico, na margem, esteja escrito 'não de nós, nem por nós', em tibetano.

Outro exemplo, um pouco mais doloroso, é o da escritora Mabel Collins. Mabel Collins, segundo ela, tinha seus escritos ditados a ela por um Mestre. Dois dos livros que Mabel Collins escreveu (*Light on the Path* [*Luz no Caminho*] e *The Blossom and the Fruit* [*A Flor e o Fruto*]) continham pensamentos que, segundo H.P. Blavatsky indicou mais tarde, vinham de outra fonte 'oposta'. Portanto, no primeiro livro, uma nota foi acrescentada a essa passagem para eliminar o mal-entendido.⁽¹⁾ No outro livro, mesmo antes de sua publicação, H.P. Blavatsky fez correções nos capítulos finais.⁽²⁾ Mabel Collins ficou indignada com isso. Sim, respondeu Blavatsky, o conteúdo leva o leitor a uma direção completamente errada, pois havia uma influência perturbadora. Essa ação corretiva da Sra. Blavatsky frustrou muito a escritora. Como, ela deve ter pensado, tal influência poderia entrar em mim? Bem, isso aconteceu, porque nela ainda havia uma abertura para uma influência enganosa, que ela ainda não reconhecía.

Referências

1. Boris de Zirkoff, Bibliografia. Apêndice em: H.P. Blavatsky, *Collected Writings* (Escritos Coletados). Volume VIII. Wheaton, Illinois, Theosophical Publishing House, 1990, p. 427-430.
2. Boris de Zirkoff, notas explicativas sobre 'The Blossom and the Fruit'. Em: H.P. Blavatsky, *Collected Writings*. Volume VIII. Wheaton, Illinois, Theosophical Publishing House, 1990, p. 91-93.

Pergunta

Os Mestres também podem impedir desenvolvimentos indesejados? Em caso afirmativo, isso já aconteceu? E se sim, por que isso não aconteceu no desenvolvimento da bomba atômica?

Resposta

Essa é uma pergunta importante nesse contexto. Nas *Cartas dos Mahatmas* – um livro fantástico de se ler, ainda; a edição mais útil é aquela em que todas as cartas são colocadas em ordem cronológica, porque assim você entende melhor os desenvolvimentos – os Mestres explicam algumas regras ocultas. Primeiro, *há o karma*. Todo pensamento e ação evocam conseqüências correspondentes, que encontraremos mais cedo ou mais tarde em nosso caminho. Essa lei universal de causa e efeito não pode ser adulterada por ninguém. Todos os seres estão sujeitos a ela, e ninguém pode impedir que ela funcione dessa forma em outra pessoa. Segundo, *existe o livre arbítrio*. Cada ser humano pode e deve fazer suas próprias escolhas. Cada um deve escolher independentemente seu caminho de vida e aprender com ele, pois só podemos desenvolver nossas habilidades adormecidas por nós mesmos, por nossos próprios esforços. Certamente podemos alertar uns aos outros nesse processo e trocar nossas percepções. É nosso dever como seres humanos ajudar uns aos outros. Mas a livre escolha

deve sempre permanecer com a outra pessoa.

Portanto, se alguém usa seu livre-arbítrio para fazer algo como uma bomba atômica, essa é sua própria responsabilidade kármica (e a de todos aqueles que o ajudaram). Os Mestres dizem enfaticamente: a Loja de Sabedoria e Compaixão inspira, mas não impõe. Aconselhamos, dizem eles, mas não impomos, porque isso seria uma restrição ao livre-arbítrio.

Infelizmente, esse último é feito com frequência por pessoas que querem manipular os outros para seu próprio benefício. Mas os Mestres nunca fazem isso, pois sabem que cada pessoa tem sua própria responsabilidade.

Os Mestres poderiam ter impedido o desenvolvimento da bomba atômica? No máximo, eles poderiam ter inspirado Einstein, ou qualquer outra pessoa que estivesse aberta a isso, na esperança de que uma luz se acendesse nessa pessoa. O que poderia ter feito essa pessoa se perguntar: qual é a consequência do que estou inventando ou construindo agora? E talvez algumas dicas tenham sido dadas; quem de nós sabe disso?

Se você conhece a história da construção da bomba atômica – veja, por exemplo, o filme ‘Oppenheimer’ – verá que foi principalmente Oppenheimer quem combinou todas as técnicas necessárias. Ele traduziu tecnicamente a teoria de Einstein em uma bomba desse tipo. É um caso claro de que suas ações não foram inspiradas pela Loja de Sabedoria e Compaixão. As consequências kármicas terão de ser suportadas por ele – e por todos os que contribuíram e favoreceram essa ação.

Portanto: (a) existe o livre arbítrio e (b) existe a responsabilidade kármica de cada um. Nós inspiramos, mas não forçamos.



Pergunta

A Loja da Sabedoria pertence ao topo de nossa hierarquia ou é o topo?

Resposta

Isso depende do nível da Loja de Sabedoria e Compaixão de que você está falando. A Parte 10 das *Instruções Esotéricas* de G. de Purucker, que trata desse assunto, descreve a estrutura hierárquica da Loja de Sabedoria e Compaixão, que tem um escopo universal. Por exemplo, os Mestres falam da existência de seu ‘Chefe’, o Mahā-Chohan. Mas também o Mahā-Chohan é inspirado por um ser ainda mais elevado, e assim por diante.

Você pode imaginar desta forma. A natureza consiste em muitos níveis de existência, de acordo com um arranjo hierárquico espiritual. Em cada nível, todos os seres inspirados pela compaixão como seu motivo orientador, que são modestos, agrupam-se em um ramo da Loja de Sabedoria e Compaixão.

A dificuldade desse pensamento é que, mesmo nos reinos espirituais, que consistem em seres altamente desenvolvidos (do nosso ponto de vista), nem todos os seres precisam ser membros da

Loja de Sabedoria e Compaixão. Apenas alguns deles tomaram a decisão de sacrificar todo o desenvolvimento individual pelo bem de tudo o que vive. Eles são os inspiradores e líderes da outra parte – seres que, é claro, também podem crescer em direção a essa decisão, se desejarem.

Pergunta

Se você for reprovado em seu período de teste como discípulo da Loja da Sabedoria, terá direito a outro período de teste no futuro?

Resposta

Isso está certo, certamente, desde que você se candidate novamente com o mesmo motivo compassivo. William Quan Judge, o segundo líder da Sociedade Teosófica de Point Loma, foi muito claro sobre isso. Ele disse: se você fracassar, se tropeçar, levante-se e tente novamente. Dessa forma, você transforma seu passo em falso em uma lição valiosa, que o ajudará a evitar problemas semelhantes no futuro. Se você perder a coragem depois de fracassar, você retrocederá, o que seria muito infeliz.

Como seres humanos, todos nós estamos aprendendo. Especialmente em circunstâncias difíceis, precisamos aprender a manter a atitude e a visão corretas. E se uma vez cometermos um erro e possivelmente prejudicar nosso desenvolvimento por algum tempo, que assim seja: isso não é motivo para não continuarmos tentando. Vamos entender isso muito bem: se você vive por compaixão pela compaixão, então não está preocupado com seu próprio desenvolvimento. Então, você está preocupado apenas com: posso trabalhar para a Compaixão? E podemos garantir que sempre há espaço e oportunidade para trabalhar para a Compaixão.

AGENDA

TSPL Simpósio em inglês

No local e on-line

The Mystery of Man
We are more than our bodies

Sunday, September 15, from 18:00 to 22:30 CEST

O simpósio será realizado no local (Museum Sophiahof - Sophialaan 10, Haia - a entrada é gratuita), mas também on-line via Zoom. Você pode indicar como deseja participar no formulário de inscrição.

Programa

18:00 - 18:10 – Welcome / Introduction
18:10 - 18:30 – Lecture: Never did I not exist
18:35 - 18:55 – Lecture: The Mystery of Man
Break (5 minutes)
19:00 - 20:00 – Workshop: Get to know your selves
Break (1 hour)
21:00 - 21:20 – Lecture: I am because we are
Break (5 minutes)
21:25 - 22:25 – Workshop: Heal society, heal yourself
22:30 – Preview upcoming season and closure

‘Homem conhece-te a ti mesmo’, era o texto estimulante acima da entrada da Escola de Mistérios de Delfos. E por um bom motivo. Pois quando conhecemos verdadeiramente a nós mesmos, conhecemos o universo. O que significa essa declaração profunda e antiga? O fato de sermos mais do que nossos corpos é algo que nos foi dito por todos os professores do mundo. É o fio condutor de todas as tradições mundiais. Mas o que é esse ‘mais’? Essa é a principal questão que exploraremos coletivamente durante as palestras e workshops deste simpósio. Afirmamos que é possível conhecer e desenvolver as camadas mais profundas dentro de nós – os diferentes eus. Se conseguirmos, seremos mais capazes de eliminar qualquer desarmonia em nós mesmos e, assim, contribuir para uma maior harmonia no mundo. Porque quanto mais formos capazes de obter uma percepção mais profunda de quem realmente somos, das possibilidades ilimitadas que existem dentro de nós, mais claras as soluções se apresentarão diante de nosso olho interior. A impotência que muitos estão sentindo dará lugar à convicção interior. A convicção de que nós mesmos temos a chave para enfrentar e resolver o sofrimento que está ocorrendo atualmente. Para informações e inscrições: blavatskyhouse.org/symposium/.

Curso Sabedoria Universal

Começando novamente em
janeiro 2025

Este curso é realizado on-line, por meio de videoconferência. Ele se baseia no núcleo de sabedoria que fundamenta todas as principais religiões e filosofias. Todos podem conhecer essa Sabedoria Universal. Esse núcleo de sabedoria incentiva o crescimento espiritual. O crescimento espiritual só pode ocorrer com a pesquisa genuína da verdade. Portanto, não acredite apenas no que dizemos, mas examine-o! Somente assume como verdadeiro aquilo que você experimentou por meio de pesquisa independente. Somente assim você poderá desenvolver uma filosofia prática que ajude a responder a perguntas vitais e a resolver problemas do mundo. Para obter mais informações ou para se inscrever no curso, escreva um e-mail para info@blavatskyhouse.org.

Cólofon

Editores:
Barend Voorham, Henk Bezemer,
Rob Goor, Nico Ouwenhand, Erwin Bomas,
Bouke van den Noort.

Editor-chefe: Herman C. Vermeulen

Sede editorial: De Ruijterstraat 72-74, 2518
AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45
e-mail: luciferred@isis-foundation.org

Mensagens do leitor:
A direção editorial reserva-se ao direito de
fazer uma seleção e/ou de resumir as
mensagens recebidas

Subscrições:
Esta tradução para português foi feita a
partir do 22.o número gratuito da versão
inglesa de Lúcifer, o Portador da Luz. Para
subscrições: enviar mensagem para a sede
editorial: luciferred@stichtingisis.org.
Tarifas a pedido.

Editores:
I.S.I.S. Foundation, Blavatskyhouse,
De Ruijterstraat 72-74,
2518 AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45,
e-mail: luciferred@isis-foundation.org
internet: www.blavatskyhouse.org

© I.S.I.S. Foundation
Nenhuma parte desta publicação pode ser
reproduzida ou tornada pública por
qualquer forma ou meios: eletrónica,
mecânica, por fotocópias, gravações, ou de
outra forma, sem permissão anterior da
Editora.

Fundação I.S.I.S.

O nome da Fundação [Stichting, em holandês]
é "Stichting International Study-centre for
Independent Search for truth". A sua sede é
em Haia, nos Países Baixos.

O objetivo da Fundação é formar um núcleo de
Fraternidade Universal, através da
disseminação do conhecimento sobre a
estrutura espiritual do ser humano e do
cosmos, livre de dogmas.

A Fundação visa concretizar
este objetivo através de cursos, organizando
palestras públicas, publicando livros, brochuras
e outras publicações, e recorrendo a todos os
recursos disponíveis com vista a este fim.
A Fundação I.S.I.S. é uma organização sem fins
lucrativos, reconhecido como o tal pela
autoridade tributária dos Países Baixos. Para
fins fiscais, a Fundação I.S.I.S. tem o que se
chama de estatuto ANBI. ANBI significa
Organização para o Benefício Geral (Algemeen
Nut Beogende Instelling).

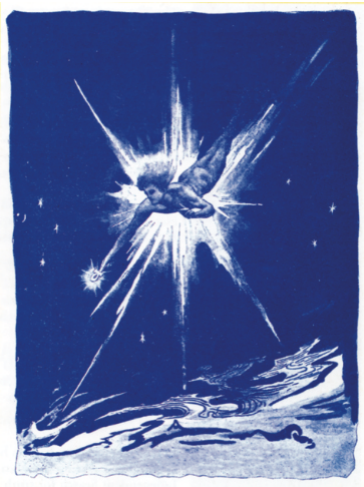
Os requisitos mais importantes para obter o
estatuto ANBI são:
É uma organização sem fins lucrativos,
portanto não tem rendimentos. Quaisquer
lucros que resultem da venda de livros, devem
ser totalmente utilizados para atividades gerais
de beneficência. Para a Fundação I.S.I.S., isto
significa espalhar a Teosofia. (Ver o estatuto,
objetivos e princípios para mais informação.)

Os membros da Direção devem preencher
requisitos de integridade.
O ANBI deve ter uma propriedade separada,
pelo que um diretor ou decisor não pode
tomar decisões sobre esta propriedade como
se fosse sua.
A remuneração dos membros da direção
apenas pode consistir de um reembolso de
despesas e assistência. O número ANBI da
Fundação I.S.I.S. É o 50872.

Fundação I.S.I.S.

As atividades da Fundação I.S.I.S. (International Study-centre for Independent Search for Truth) baseiam-se em:

1. A unidade essencial de tudo que existe.
2. Por causa dessa unidade: a fraternidade como um facto na natureza.
3. Respeito pelo livre-arbitrio de todos (quando aplicado a partir desta ideia de fraternidade universal).
4. O respeito pela liberdade de cada um na construção da sua própria perspectiva de vida.
5. Apoiar o desenvolvimento da própria perspectiva de vida de cada um e a sua aplicação na prática diária.



Porque esta revista é chamada de *Lúcifer*

Lúcifer, literalmente significa Portador da Luz.

Cada cultura no Oriente e no Ocidente tem os seus portadores de luz: os indivíduos inspiradores que dão o impulso inicial para o crescimento espiritual e de reforma social. Eles estimulam o pensamento independente e a viver a vida com uma profunda consciência de fraternidade.

Estes portadores de luz foram sempre contrariados e caluniados pelos poderes estabelecidos. Mas há sempre aqueles que se recusam a ser desincentivados por esses caluniadores, e começam a examinar a sabedoria dos portadores de luz de uma forma aberta e sem preconceitos.

É para estas pessoas que esta revista é escrita.

“... o título escolhido para a nossa revista está tão associado com ideias divinas como com a suposta rebelião do herói do *Paraíso Perdido* de Milton ... Nós trabalhamos para a verdadeira Religião e Ciência, para factos e contra ficção e preconceito. É nosso dever – como é o da Ciência física – lançar luz sobre os factos na Natureza até aqui cercados pela escuridão da ignorância... Mas as ciências naturais são apenas um aspeto da CIÊNCIA e da VERDADE. Ciências psicológicas e morais, ou a Teosofia, o conhecimento da verdade divina, são ainda mais importantes...”

(Helena Petrovna Blavatsky na primeira edição de *Lúcifer*, setembro 1887).